

Copyright do texto © 2010 Corsino Fortes  
Copyright das ilustrações © 2010 Fernando Gonçalves  
Copyright da edição © 2010 Escrituras Editora

Todos os direitos desta edição reservados à  
**Escrituras Editora e Distribuidora de Livros Ltda.**  
Rua Maestro Callia, 123 - Vila Mariana - São Paulo, SP - 04012-100  
Tel.: (11) 5904-4499 / Fax: (11) 5904-4495  
escrituras@escrituras.com.br  
www.escrituras.com.br

**Criadores da Coleção Ponte Velha**  
*António Osório (Portugal) e Carlos Nejar (Brasil)*  
**Organização e entrevista** Floriano Martins  
**Posfácio** Ana Mafalda Leite

**Diretor editorial** Raimundo Gadelha  
**Coordenação editorial** Mariana Cardoso  
**Assistente editorial** Ravi Macario  
**Revisão** Alexandre Teotonio e Jonas Pinheiro  
**Capa, projeto gráfico e diagramação** Ligia Daghes  
**Ilustrações da capa e do miolo** Fernando Gonçalves  
**Impressão** Graphium

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Fortes, Corsino

A cabeça calva de Deus / Corsino Fortes; organização/prefácio  
Floriano Martins; artista convidado Fernando Gonçalves;  
posfácio Ana Mafalda Leite. - São Paulo: Escrituras Editora, 2010. -  
(Coleção Ponte Velha)

ISBN 978-85-7531-390-9

1. Poesia portuguesa I. Martins, Floriano.  
II. Gonçalves, Fernando. III. Leite, Ana Mafalda.  
IV. Título.

10-10834

CDD-869.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Poesia: Literatura portuguesa 869.1

Edição apoiada pela Direcção-Geral do Livro e das Bibliotecas/Portugal.

DG  
LB  
DIRECÇÃO-GERAL  
DO LIVRO E DAS  
BIBLIOTECAS

MC  
MINISTÉRIO DA CULTURA

Impresso no Brasil  
Printed in Brazil

Por solicitação expressa do Autor,  
o livro mantém a ortografia portuguesa.

Corsino Fortes  
PEDRO MANOEL MONTEIRO  
SIAPE: 1465345

PEDRO MANOEL MONTEIRO  
SIAPE: 1465345

# A cabeça calva de Deus

**Organização | Entrevista**  
Floriano Martins  
**Artista convidado**  
Fernando Gonçalves  
**Posfácio**  
Ana Mafalda Leite

  
**escrituras**  
São Paulo, 2010



PEDRO MANOEL MONTEIRO  
SIAPE: 1465345

## Nota do Autor

Ultimando as balizas da presente trilogia "Pão & Fonema, Árvore & Tambor e Pedras de Sol e Substância", queiram permitir-me, Caros Leitores, enfatizar as expressivas contribuições recebidas desde os cultores da nossa tradição oral, nomeadamente os Trovadores, aos fundadores do Movimento Claridoso – os principais artífices da independência cultural de Cabo Verde, como dar graças, lhana e penhoradamente, a todos aqueles que, na diáspora, vêm, de geração em geração, enriquecendo e transmitindo o testemunho da especificidade cultural desta pequena pátria no baricentro de três continentes.

*[Corsino Fortes]*

# Sumário

PEDRO MANOEL MONTEIRO  
SIAPE: 1465345

*A pronúncia renovada da poesia em Corsino Fortes*  
*Diálogo com Floriano Martins* 9

## I. Pão & Fonema 21

Proposição 22

Canto Primeiro: Tchon de pove tchon de pedra 23

Canto Segundo: Mar & Matrimónio 41

Canto Terceiro: Pão & Património 65

## II. Árvore & Tambor 87

Proposição & Prólogo 89

Canto Primeiro: De manhã! Os tambores amam  
a chama da palavra mão 97

Canto Segundo: Hoje chovia a chuva  
que não chove 111

Canto Terceiro: O pescador, o peixe e a  
sua península 123

Canto Quarto: Odes de Corsa de David 139

Canto Quinto: Tal espaço & tempo 157

Prólogo & Proposição 185

III. Pedras de Sol & Substância 191

Oráculo 192

Canto Primeiro: Sol & Substância 193

Canto Segundo: Vulcão & Vinho do próximo Verão 217

Canto Terceiro: Do deserto das pedras à  
deserção da pobreza 239

A Cabeça Calva de Deus – Uma trilogia épica fundacional  
*Ana Mafalda Leite* 267

Dados sobre o Autor 285

Dados sobre o Artista 287

**A pronúncia renovada da poesia  
em Corsino Fortes**

*Floriano Martins*

FM Querido poeta, a nossa conversa pretende essencialmente identificar, a partir de tua poesia, alguns taboos da linguagem. Podemos começar pela descoberta da natureza poética no Corsino Fortes?

CF Desde muito cedo, o adolescente Corsino Fortes escrevinhava versos a propósito dos quais manifestava uma resistência crítica a ponto de os considerar não publicáveis.

A descoberta da natureza poética em Corsino Fortes surge na adolescência, porém é na juventude, em contexto e ambiente precoces, pelos contactos e movimentações que marcavam a sociedade cabo-verdiana, em particular a mindelense, dos anos sessenta do século passado, que os primeiros poemas vieram à luz, por iniciativa do Prof. Baltazar Lopes da Silva, nomeadamente, no último número da *Revista Claridade*.

Na verdade o primeiro livro publicado *Pão & Fone-  
ma*, de 1974, é resultado de uma actividade de mais de uma década em que, Corsino Fortes, silenciando, se foi descobrindo e se dando a descobrir, enquanto explicador e estudante de direito em Lisboa, no estudo e cultivo de grandes mestres referenciados ao longo da obra, sem descurar a poesia medieval, portuguesa e francesa, como também a mítica tradição oral da cabo-verdianidade.



Nessa altura, acaba por reconhecer no conjunto de textos que compõem esse primeiro livro da projectada trilogia uma produção com maturidade suficiente e à altura de publicação.

Por outro lado, importa registar que o processo de criação poética é construtivo e contínuo, fruto de um permanente encontro do poeta com o mundo, com o mundo exterior mas sobretudo com o interior. A natureza da criação poética em Corsino Fortes merece ser compreendida, antes de mais, na sua natureza oficial e simbólica, em que a tónica, não tanto da criação poética mas da construção da poesia, é colocada na potencialidade de exploração máxima da unidade linguística mínima, o fonema de liberta. A partir do som, o poeta labora, molda, trabalha a palavra e da palavra sai toda a simbologia que ela se permite evocar. É um trabalho profundamente simbólico que, até certo ponto, pode permitir identificar os tambores da linguagem na poesia de CF mas também outras linguagens que o texto se permite explorar...

No poeta CF toda a simbologia poética, adveniente do valor do fonema, ganha substância na teia de sonoridades, de signos que, repetidos em contextos semânticos e sintácticos diferenciados, explodem na mancha gráfica do poema papel, num convite à descoberta do som e do tom da experiência que cada verso deve projectar a essência do seu espaço pictórico...

FM Certas regiões no mundo estão mais violentamente marcadas por expectativas viciadas que de alguma maneira as limitam em suas perspectivas de crescimento em outras direcções que não aquelas perversamente determinadas como *naturais*. O preço do exótico e suas

facetar. Como distingues em ti a leitura que fazem do Corsino Fortes como poeta, negro, africano, diplomata?

CF Dada a complexidade e abrangência da questão, não a colocaria desse modo...

Primeiro, creio que a afirmação inicial é subjectiva, carecendo portanto de alguma prudência o colocar da nuance nas “expectativas viciadas” relativamente à criação e produção poéticas. Quero dizer que teremos de explicitar em que ângulos essas expectativas recaem sobre a produção e o texto poético. Se estiver a compreender o sentido da sua colocação no campo da circunstancialidade que eventualmente poderá marcar o acto de criação, para falarmos concretamente do autor engajado ou da poesia de circunstância, entre outras classificações, contraponho dizendo que, embora o autor pertença evidentemente a um contexto histórico, geográfico, político, entre outros, o acto de criação, pelo menos em Corsino Fortes, resulta mais de um profundo exercício de interiorização.

As ideias, o conteúdo dos poemas e da criação, podem ter uma referencialidade, mas não creio que limitem as perspectivas de crescimento a que se refere na questão. Perguntaríamos mesmo o que se poderá querer dizer com “direcções determinadas como naturais”. Pode ser tão claro como ambíguo. A ideia de que resulta um verso pode partir de um acontecimento, de uma palavra, de um som que convidam o poeta, e nem sempre necessariamente a pessoa de Corsino Fortes, a criar. É um mundo à parte onde a limitação real, essa sim, coincide com o fim de cada poema, com o momento em que o poeta se dá por satisfeito...

Pode e há certamente um conteúdo poético que ultrapassa o simples domínio do físico, do real ou do natural.

Determinar um poema ou o seu conteúdo como *natural* é algo de muito limitador, restritivo e mesmo inoperante. Dizemos isso porque, na realidade, se há um corte entre o fim da criação e a publicação do texto, podemos dizer que nasce imediatamente a seguir a hipótese de uma nova vida que o poema recebe nas leituras que cada leitor se permite fazer, nas viagens de descodificação das metáforas, dos símbolos, das imagens que o autor apenas traçou e que o leitor se aventura a descobrir e a situar na busca de uma compreensão que o satisfaça também.

Por isso, os teóricos e críticos reconhecem que a criação poética é algo de místico, diria mesmo mítico. E assim, não sei se poderemos falar em *preço do exótico e suas facetas*. Há uma linguagem profundamente apelativa, que desafia o leitor sim, que joga com o paralelismo semântico e fonético, enfim...

Muitas vezes, as sociedades europeia e norte-americana tomam a criação artística africana, e às vezes a brasileira pela reserva cultural africana que lhe subjaz, como exótica quando lhes é desconhecido, colorido e vibrante. Temos de ver que esse exótico faz parte da essência do africano. As suas facetas são multicoloridas porque África tem sonoridades, ritmos e cores muito próprios. África é um continente todo ele História e que os colonizadores estigmatizaram sobre o retrato de "exótico", que acabou por ser um preço caro a pagar pelos africanos que não puderam dar-se a conhecer mas igualmente pelos conquistadores que em certos momentos os coarctaram de se manifestar. O exótico está nas cores, nos ritmos, nas formas, nos sons intemporais de África, e é assim que a cabo-verdianidade de Corsino Fortes não pode ser indiferente à africanidade que se esconde sob o exótico.

De qualquer forma, é de se lembrar que a linguagem poética oferece na sua universalidade uma exploração infinita de campos e conteúdos, que ultrapassam várias dimensões e aí reside o prazer do texto que tão bem define Roland Barthes.

Por fim, não vejo muito a pertinência de se distinguir o poeta negro, do africano, do diplomata, e etc. O resultado poético é um só e dele se podem extrair tantas leituras quantas as referências dos críticos, dos leitores, dos intérpretes, consoante cada experiência, idade, estado de espírito. Isso é universal, não é exclusivo de Corsino Fortes...

FM Quantas Áfricas cresceram juntas em ti e em que dimensão atuou a língua diferenciada dos demais países no continente?

CF Veja-se um pouco do que se disse anteriormente, ao que se pode acrescentar que a experiência como Diplomata em Angola, São Tomé, Moçambique, Zâmbia e Zimbabwe deu-nos uma visão interessante de África. De certo modo, concordamos que as várias facetas de África, do contacto com as suas gentes contribuíram sem dúvida para o nosso crescimento como pessoa, homem e poeta. Por exemplo, a experiência nos Países Africanos de LP leva-nos a reconhecer uma coreografia de sonoridades típicas em cada um dos países por onde passámos, e há também o sentido do *epos* (ressonância do *eu colectivo*), a que não ficámos indiferentes.

Da outra África, a que fala outras línguas que não o português, vem o conhecimento do *eu colectivo*, luta de libertação/crescimento, o reconhecimento da tradição,

a valorização do colectivo, que nos une numa só África. O Continente africano é um continente com formas próprias, rico, imenso em todos os domínios (cultural, linguístico, populacional, sociológico, enfim, histórico), que implicam na valorização do *eu*, não só para os Estados mas sobretudo para o humano africano.

Quanto à língua, em África o multilinguismo é factor de diversidade, de riqueza, de pluralidade, isso é excelente porque oferece muitas explorações. Na criação, a primeira língua é a língua literária, a expressão em Língua cabo-verdeana ou em Língua Portuguesa ou em ambas só enriquece os campos que as literaturas permitem explorar.

**FM** Pela própria natureza épica de tua poesia, independente da clara menção a poetas como Saint-John Perse e Pablo Neruda, compreende-se tua fidelidade a temas cabo-verdeanos, bem como o aspecto visceral de criar uma identidade poética que ajude a revelar toda uma cultura. Creio na sinceridade de Perse, como também na de Pablo Antonio Cuadra ou de Aimé Césaire, quando evocam com sua poesia uma expressão épica que ajude a consubstanciar a Nicarágua de um e a Martinica do outro. De que maneira, em termos de linguagem poética, te identificas com o *epos*?

**CF** Da descoberta ao processo identitário das ilhas, o *epos* está presente; há que consubstanciar todo o universo mítico que o poeta quer recuperar. É a essência do povo cabo-verdeano na sua dimensão heroica, no espaço e no tempo que ocupa neste universo, com as suas marcas culturais. Recuperando o estudo de Ana Mafalda Leite, pode haver alguma razão em ver e reflectir sobre como Cabo

Verde, através de *Pão & Fonema* e *Mayombe*, de Pepetela, em Angola, se suportam na modalização épica como experiência, ovivenciar impregnados da determinação contra o inimigo comum, uma espécie de síntese humana em que se aceita que o transformar, isto é, toda uma “revolução é um acto de cultura”, uma experiência de viver.

Há igualmente nessa natureza épica uma leitura na linha de *Antecipação do futuro*. De *Pão & Fonema* a *Pedras de Sol & Substância*, passando por *Árvore & Tambor*, hoje reunidos em *A Cabeça Calva de Deus*, passa também uma mensagem de optimismo, de afirmação da identidade épica, que é evidentemente a revelação, pelo menos em certa medida, de toda uma cultura. São as raízes, o percurso sofrido de um povo, a batalha dos heróis pela independência, pela liberdade, que a obra procura recuperar e projectar a mensagem de esperança. O Futuro antecipador do arquipelágico caminho: florescer no deserto a cabeça calva de Deus.

**FM** Em entrevista que fiz ao nicaraguense Pablo Antonio Cuadra, ele me disse o seguinte: “Uma das maneiras de abordar o mito em nosso tempo é desmistificando-o. O mundo não pode subsistir sem mitos, porém cada época cria suas próprias atmosferas míticas que se gastam, como se gastam as palavras e as moedas pelo uso. Então há que despir o Mito de suas aderências históricas”. Estás de acordo com isso?

**CF** Podemos desenvolver a ideia de uma inter-relação entre Mito e utopia. E na sua compreensão a transformação da Utopia em Mito. Podemos dizer que o mito é algo intemporal, transversal as impressões digitais do

sonho e vai para além da realidade. O poema épico é mito transformado numa espécie de utopia e o mito feito utopia perspectiva à abertura para o futuro. Uma ideia-chave que resume isso tudo é a da “Cultura como expressão dinâmica de um caos inicial”. A recriação de mitos em cada época é possível: ora pela recuperação, ora pela transformação do mito. Daí reside a dinâmica da expressão cultural.

**FM** A África que tens em ti a levaste por diversos países, no trajeto diplomático de tua profissão. Mas qual a percepção do poeta de como em uma Europa ou em uma América a África é vista ou escutada?

**CF** Já reflecti um pouco sobre isso aqui mesmo em nosso diálogo. Posso acrescentar com mais precisão a sensação de que a Europa e a América olham África como um misto de admiração e sentimento de culpa. As grandes potências, uma colonizadora e exploradora de África, outra receptáculo e berço do cruzamento de culturas afro-negras, parecem hoje estar a virar-se para África, reconhecendo-lhe um estatuto cultural, humano e civilizacional merecido. Há uma espécie de dor de consciência de que a riqueza depende de África, e nesse quadro surgem teorias para amenizar o terrível acto de sofrimento de que África foi vítima durante séculos, sem perder de vista a quota de culpabilidade dos autóctones. Há hoje mais humanização do que valorização de África, o reconhecimento de suas limitações e esforços para que ela tenha acesso ao desenvolvimento e à vida mais justa e humanizada.

**FM** Este livro, que ora publicamos no Brasil, é uma soma de vertigens, uma espécie de bailado de provocações

no tocante à necessidade de criação de uma dinâmica expressiva na lírica de teu país. Como expandir essa aventura buscando outras aventuras estéticas no âmbito da língua portuguesa?

**CF** A aventura de *A cabeça calva de Deus* é a aventura de um povo de coragem, de esperança, que os portugueses ajudaram a formar historicamente. A língua portuguesa é uma herança que conduz os seus falantes à redonda mesa de uma Pátria Emocional. Na leitura poética, traçam-se caminhos de partilha, de irmandade, reforçam-se os laços de identidade mas igualmente o espaço de cada povo desse universo lusófono. A partilha do espírito lusófono é prática, é convite e um desafio. Temos de construí-lo em harmonia, e o poeta desempenha um papel preponderante nessa construção pois consegue dar beleza à língua, mais beleza aos seus ritmos e tons...

É nesse sentido que algures se diz no livro “Quando o Arquipélago aperta a mão dos continentes, perto e longe”; há todo um sentido de aventura, de busca de entendimentos que a História possibilitou no passado, promove no presente e transforma para consolidar no futuro, com ganhos para todos nós. A magra posição estratégica de Cabo Verde na configuração geográfica do mundo dá-lhe, no entanto, um gordo estatuto...

**FM** É possível falar de uma tradição lírica em Cabo Verde?

**CF** Sem dúvida, a tradição lírica em Cabo Verde é rica e dada a conhecer precocemente, desde os estudos dos

Nativistas, nas composições de Eugénio Tavares, Pedro Cardoso e outros, que anteciparam todo o esforço de recuperação e divulgação levada a cabo pelo Movimento Claridoso e agora com outros cultores a potenciar essa tradição.

Na Epopeia sentimental da cabo-verdianidade, marcada pelos ciclos de fome e seca, há um *eu* colectivo que emerge não só na lírica mais trabalhada mas principalmente nos nossos trovadores, na tradição oral cabo-verdiana (finaçon, colá, tabanka, entre outros).

**FM** E como verificamos a presença de tua poética em um ambiente regenerador da poesia em teu país que seja percebida pelas novas gerações? Imagino que te sintas à vontade para abordar esse tema.

**CF** Há na moderna geração de escritores exemplos de grande valor nessa regeneração da poesia. As gerações mais novas me acompanham até certo ponto e também me mantenho atento ao que se está a produzir. Há percursos marcantes e interessantes, individualistas e desafiadores, ao lado de uma produção em continuidade da qual se ressaltam os nomes de Osvaldo Osório, Arménio Vieira e João Vário. Dos mais jovens e “regeneradores”, pode-se destacar Danny Spínola, José Luís Tavares, José Luís Hoppfer Almada, Filinto Elísio, Daniel Medina, entre outros. Outro aspecto importante: a emergência da escrita assinada no feminino: Fátima Bettencourt, Dina Salústio, Vera Duarte e Eillen Barbosa, entre outras.

[Fortaleza, Praia - Abril de 2010]

*Toda a revolução é um acto de cultura*  
**Amílcar Cabral**

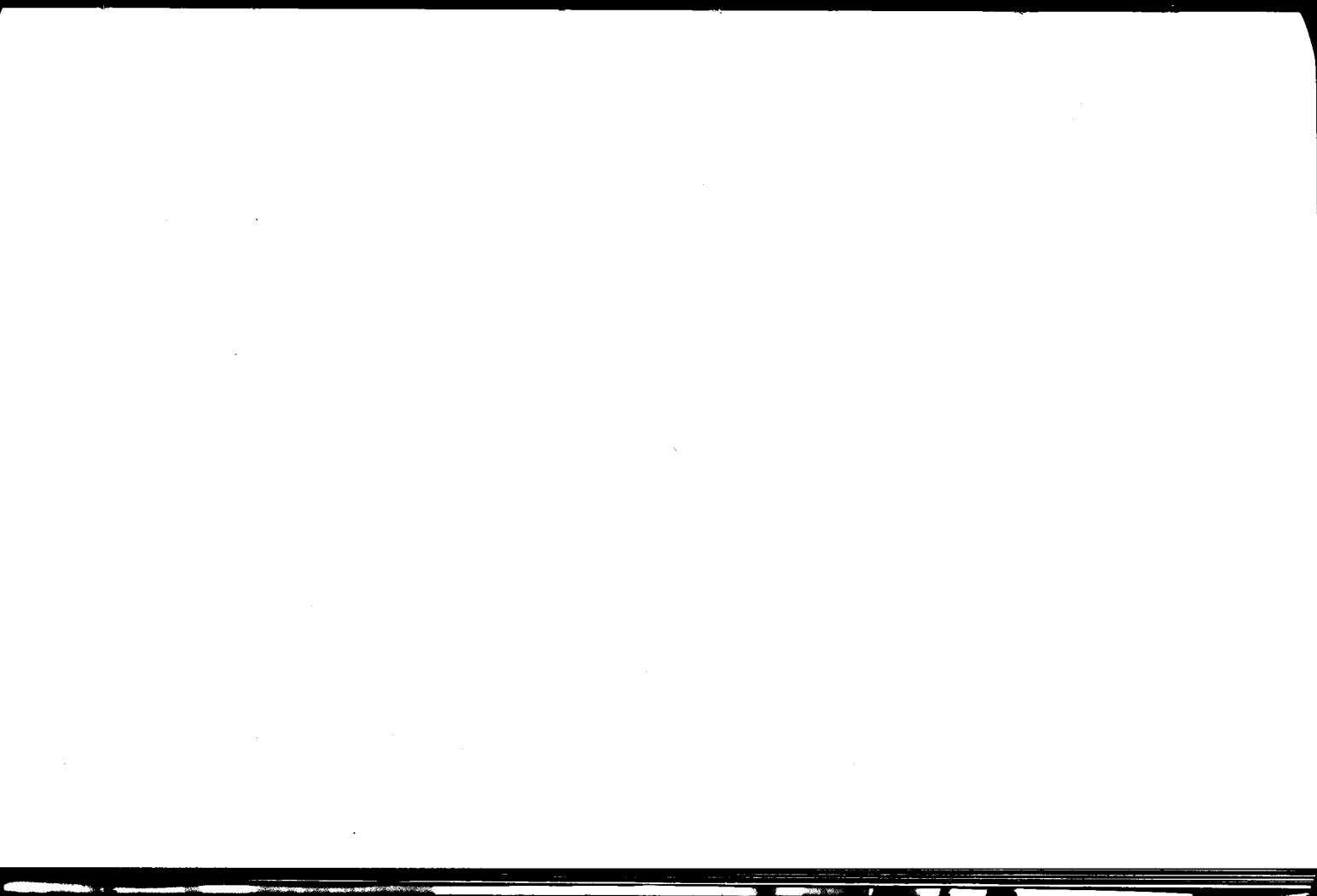
*Cumpliendo com mim oficio  
piedra com piedra, pluma a pluma*

*Yo estoy limpando mi camapana  
mi corazón, mis herrameintas*

*Aqui nadie se queda inmóvil  
Mi pueblo es movimiento  
Mi pátria es um camino  
Y cuanto más, y cuanto,  
amé, pequeña patria, quanto gané o me dieron  
fue solo para ti, para adorante,  
para cantar tu tierra de delgada cintura*

**Pablo Neruda, Navegaciones y regresos**

*The life short, the craft so long to learn  
(A vida é tão curta e tão demorado o ofício de aprender)*  
**Ezra Pound**



## Proposição

Ano a ano

crânio a crânio

Rostos contornam

o olho da ilha

Com poços de pedra

abertos

no olho da cabra

E membros de terra

Explodem

Na boca das ruas

Estátuas de pão só

Estátuas de pão sol

Ano a ano

Crânio a crânio

Tambores rompem

A promessa da terra

Com pedras

Devolvendo às bocas

As suas veias

De muitos remos

## Canto Primeiro

o hon de povo o hon de pedra

## De boca a barlavento

I

Esta

A minha mão de milho & marulho

Este

o sol a gema E não

o esboroar do osso na bigorna

E embora

O deserto abocanhe a minha carne de homem

E caranguejos devorem

esta mão de semear

Há sempre

Pela artéria do meu sangue que g

o

t

e

j

a

De comarca em comarca

A árvore E o arbusto

Que arrastam

As vogais e os ditongos

para dentro das violas

II

Poeta! todo o poema:

geometria de sangue & fonema

Escuto Escuta

Um pilão fala

árvores de fruto

ao meio do dia

E tambores

erguem

na colina

Um coração de terra batida

E lon longe

Do marulho à viola fria

Reconheço o bemol

Da mão doméstica

Que solfeja

Mar & monção mar & matrimónio

Pão pedra palmo de terra

Pão & património



## Carta de Bia d'Ídeal

*19 deste mês  
a barlavento das almas que sabiam*

Junzin! Até na boca de São Vicente  
Teu nome agora é Vário ou T.Thiofe  
E disse Corsa de David  
Que tu és um negro negro greco-latino  
Mas, de veras? De veras?  
As ondas  
Já trepam  
os degraus do teu poema  
E quebram no violão da ilha  
Tectos d' Europa  
Sob as nossas cabeças

Juzin! há muito  
Que não bebes a água  
Da nossa segura

É verdade  
Há anos sobre anos  
mais cinco anos e um dia

Que pedra é regada pela esponja dos nossos corações  
Como a espiga de sangue na dor dum concha de leite  
Oh! Dor de cara alegre  
dor calada  
dor sentada  
dor lançada\_\_  
mas dor!

Como a dor do som na viola  
Como a dor da semente no chão  
Como a dor do vulcão no coração\_\_  
mas hoje!

Não direi  
merci  
thank you  
danke schön  
Por quê?

Quando Djosa  
saiu porta fora  
com a sua caixa de engraxador

Na bandeira da porta morreu a Tanha  
Com a sua fome de maçã atravessada na boca

Ó povo da Rua da Craca  
Alimentado  
    nesse caldo de peixe de 16 tostões  
Venham todos ouvir  
    a viola de Patada  
        e  
            o violão de Antonzin  
A rasgar no sangue de Tanha  
    Um silêncio de tantas portas  
Venham todos ver  
    o mastro do navio  
        mais  
            a vela do navio

Rasgado  
    Quebrada  
        nos olhos de Tanha  
        Por quê? Quando Djosa

Abriu na cidade  
    Um caminho de sol aberto

Tanha chapou no vento  
    A sua boca de maçã mordida

Juzin! tenho três coisas  
    Amarradas à alma  
Três rios para nunca mais

o primeiro escrito nas mãos  
o segundo escrito na boca  
o terceiro escrito no sangue  
é sol quebrando na rocha  
    a sua fome de gêmea de ovo  
é o vento mordendo a pedra  
    com seu grito de farinha branca  
é o povo e o dedo do povo  
        escrevendo no chão a sentença de mão  
comprida  
E long time ago  
    Notcha  
        já dizia  
Ao contrário de Saint-John Perse  
    Que nem sempre  
«o remo rebenta na mão do remador»

Mantinhas da Bíblia  
    Bena  
        Garda  
            Vavaia  
E de todo este povo da Rua da Graça  
                                    Everybody

## Meio-dia

1

O fogão dedilha o violão da sua brasa

2

O lume da lantana  
                  lantuna  
                  na frigideira magra de gordura

3

A baía ancorada  
                  no d + v daquela viola  
der remo mar e cardume pelo mês de Novembro

4

O lábio da ilha  
                  no olho da taberna  
a nudez do ombro  
                  pelo cereal dos dias

5

Esquina  
Esquina fronte  
os cães lambem ao pé da letra  
                  o meu apelido de pão

6

Galinha vai galinha vão  
                  pedra sobre pedra  
E executam  
Por terraços de pozolana  
                  o "p" "q"  
                  "p" "q" "q"  
                  Da coreografia dos galos

7

O vento  
                  enche  
                  a boca de espelho  
E sopra  
                  no  
                  vento  
Barragens de vento  
                  a sotavento

8

A poeira a poalha  
                  circundem  
                  por agora  
As celhas de espuma  
                  Em nossas camisas  
Até as colinas de cal e colmo:

9

Domicílio ou chávena

De mar a mar

O poente da porta a porta do vento

Aberto aberta

Da ilha a ilha próxima

## Conto

I

Estavas estás

Sem no

na

nos

nas

assim nua

O fogão junto à fonte

Tua mão bronze

queimando açúcar

A voz das crianças

Ao redor

Quadriculada

Em rebuçados

II

A minha mãe vendia pão ao luar

E mel às crianças da beira-mar

Pagavam moeda

Moeda de carvão

E marulho da moeda

no mergulho do mar alto

E por vezes

A fúcia do rosto  
sem timbre de selo branco

III

Antes da manhana  
Ela ia

De baía em baía  
Peregrina

Amando  
no útero das veias  
a voz uterina dos navios

Na ilha  
A minha mãe é ilha nua  
Por Dezembro rasgando  
o seu inverno de chita

## Três versículos para banjo e cavaquinho

I  
*ILHA*

Ó cabra de sono ó poço de abandono  
Ó crepe da terra ó cratera  
De cabelo crespo

Que resvala  
Pela trova  
De tanta voz  
vozes

De pedra soltas  
Teu umbigo desce  
colmo corvo  
para a minha rua  
De bigorna E forja  
Ao pé da porta

Noite uma noite nua

Arranco arrancas  
Os apóstolos do céu-da-boca...  
Sou  
és  
o que sempre fomos



## Chão do povo chão de pedra

O rosto de teu filho brada pelo mar  
Como panelas mortas como panelas vivas  
mortas  
vivas  
nos fogões apagados

Pilões calados fogões apagados  
No vulcão e na viola do teu coração

Boca do povo no fogo dos nossos fogões apagados

Chão do povo chão de pedra!  
O sol ferve-te o sol no sangue  
E ferve-me o sangue no peito  
Como o fogo e a pedra no vulcão do Fogo

De sol a sol  
abriste a boca

Secos os pulmões  
neles cresce-me  
a lenha do mato

De sol a sol

os meus ossos são verdes  
os teus ossos são plantas  
Como a fruta-pão o tambor e o chão

De sol a sol

gritei por Rimbaud ou Maiakovsky  
deixem-me em paz



**Canto Segundo**  
Mar & Matrimonio





## De pé nu sobre o pão da manhã

Desde manhã os pés

Estão nus ao redor da ilha

Nus de árvore nus de tambor

Joelhos de sol E volutas de poeira

Nos tornozelos

Em movimento

Desde o início

O tambor dos dedos

sob o pão das pedras

O cão das artérias

preso

na voragem

Dos calcanhares Que agitam

Na terra polvorenta

o ponteiro dos membros

sobre a testa do mundo

Os membros o mundo o meridiano de permeio

O sarilho dos corvos na falésia

Anuncia-nos

À boca do povoado

Ao vento gordo sabor o fiambre hálito

De pão novo

À beira-mar erguemos as nossas costelas

À promessa pública do mar E

À beira-mar navegamos

Com mãos menos mãos

Com pés menos pés

De proteínas

O povo o poente o pão de permeio

Então Djone! nosso Djone

fidje de Bia ou Maria

Despe a camisa

E vendia

Passeamos tal tronco

Entre palmeiras de secura

Assim

Falucho

de orgasmo

que caminha

Ao som de palavras

Instrumento de corda

violão & viola

Há sempre banjo o cavaquinho

Que nos interrompem

Entre duas freguesias

E dizem

unha & bronze

Da nudez

E das árvores  
Que crescem no céu-da-boca  
E dos rios  
    Que nascem na veia cava  
E do sangue  
    do povo sobre o mapa

Desde o nascer E desde a nascença  
Os pés o poente o meridiano de permeio

## Nova largada

*(Segundo Gabriel Mariano)*

Já febre  
    Pela febre de gengiva  
A lâmina de suor  
    no frescor dos dentes  
A maçaroca de milho  
    na boca tostada  
A baía gotejando  
    sol & girassol

Deixei o fio do prumo  
    nos degraus da cidade  
Deixei o martelo e a bigorna  
    nos paços do concelho  
Deixei o pilão e a mó de pedra  
    Sob teu rosto: Monte Cara  
E com membros loucos de marulho  
Dobrei as calças  
    sobre o alto mar  
    E parti  
De coração a bombordo

Mas antes muito antes  
De hipotecar  
    Meu litro de sangue  
E partir

Plantei o polegar  
    Junto da tua árvore  
        Oh ídolo de pouca terra  
Naquela homilia  
De terra & sangue  
    Em transfusão  
O peito já louco marulho  
    De coração a bombordo

## Oswaldo Alcântara

A GRANDE A GRANDE  
a pequeno a pequeno  
B GRANDE  
    e  
        b pequeno

Pelo outubro destas veredas vão  
Filhos e filhas das nossas vizinhas

Enquanto soletram  
    a geografia das serras +  
        caminhos de ferro d' Europa  
Os corvos passeiam pelos pátios da ilha

NÃO  
NHÔ BALTAZ DIRIA

Com miúdo & miúda angústia +  
    centavos de alegria  
As crianças vão  
Curva da mão  
    Que acena  
Planta dos pés que partem

E de cócoras

As almas crescem

Para os aviões

Que bradam

Navio aceso

No meu osso osso de milho verde

A GRANDE A GRANDE

a pequeno a pequeno

B GRANDE B GRANDE

b pequeno b pequeno

Pesadelo em terra alheia

ou

Pesadelo em trânsito

(LADO ESQUERDO)

Ttreezee mil ttreezeennttooss ee ttriinnttaa  
ee trrêss.....

Na lama

No chão de Lisboa

O inverno dos meus pés

Tem cinco dedos afogados

Ao sol

Na lâmpada

Na noite de Lisboa

A alegria da minha boca é cal

O grito da minha cara é cimento

é mão

é cal

é cara

é cimento

é boca

é água

é pé

é tijolo

Por baixo e por cima

Da planta do meu corpo civil em construção

Noite

A noite é o fogão do meu rosto aceso

A lua tem cara gelada do gato

As estrelas no céu são como milho assado

Noite longa Jorge noite longa

Dormi

Um sono

Desassossegado

O corpo a boiar entre dois alicerces

O rosto

Ancorado

Na lua nova

Noite longa Jorge noite longa

Moço!

Não tens folha de mortalha

Onde eu enrole o teu tabaco

Por que não tenho fósforos?

(LADO DIREITO)

Treezzee mil treezzeennttooss ee triinnttaa  
ee trrêess.....

No chão

Na noite de Lisboa

O Arquipélago dos meus pés

Tem dez dedos de surpresa

Comboio é sono comboio é lâmpada

Comboio é roda comboio é lâmpada

Comboio é lâmpada no meu rosto quebrado

Nos meus ossos quebrados nos meus ossos quebrados

Nos meus ossos quebrados nos meus ossos quebrados

- Quem quer farelo?

- Senhor meu

- Quantos vinténs tens na casinha?

- Qual é o maior?

- Cavalinho de Nosso Senhor

- Então passa-me aquele morouço

## Noite

A noite é fogão do meu rosto aceso  
A lua tem a cara gelada do gato  
As estrelas no céu são como milho assado

Comboio é sono comboio é roda  
Comboio é sono comboio é roda  
Ele tem sono tem roda ele tem chifres  
Ele tem roda ele tem chifres ele tem mamas  
Ele tem chifres ele tem roda  
ele tem pé atrás

O meu sono é cabra o meu sono é erva  
O meu sono é cabra o meu sono é erva  
O sono da minha boca é cabra o sono da minha boca é erva  
O sono da minha boca é cabra o sono da minha boca é erva

Cabra comboio cavalo comboio cabra comboio  
cavalo comboio

Cabra comboio cavalo comboio cabra cavalo  
cavalo comboio

A comer terra a comer terra a comer terra  
A comer terra a comer terra a comer terra

## Postais do mar alto

I  
Crioula! Dirás ao violão  
Da noite e à viola do madrugada  
Que és noiva e morena  
Com Lela em Roterdão  
Jamais venderás pela cidadela  
De porta em porta  
A sede de água doce que balouça  
Em latas de folha-de-flandres

II  
De manhã  
Nevava sobre as têmeoras d' Europa  
A lâmpada da minha mão é nave  
Entre os fiordes da Norga

Desde ontem  
Chove pela proa  
Aço que entorpece  
E nos ossos de abandono  
gnomo de silêncio sem memória

Desde ontem  
O navio é paisagem de alma sem retina

E teu nome sobre o mar  
Sol + árvore de boca sumarenta

III

Já vendi Kamoca food  
nas ruas de New York

Joguei orim nas vigas  
dos arranha-céus por construir

Num edifício em Belfast  
Ficam ossos e crânios  
De contemporâneos  
O sangue ainda retine  
vivo  
nas narinas dos telefones

IV

Ouvidos de ilhéu ouviram  
A voz solarenga a goela olímpica  
De um pilão nas ruas de Finlândia

Vi então patrícios  
Vestidos de toga

Falando crioulo  
Nas grandes salas de audiência

Além-Pirenéus  
há negros y negros  
Na Alemanha imigrada  
os países da sopa  
São os negros da Europa

V

Crioula! nas tardes de Domingo  
Ao sol dos arbustos  
Dirás aos rostos de boa têmpora  
E velhos jogadores de cricket  
Que os nomes

De Djone  
Bana  
Morais  
Goy  
Djosa  
Frank  
Morgode  
Palaba e Salibana

Utilizam-se  
Como  
selo branco nos documentos  
Como

passaporte e livre-trânsito  
À porta das embaixadas

VI

É boca probante  
    que o chão o drama  
Emigram conosco debaixo da língua  
Atestam-no  
    joelhos e cotovelos de secura  
    do colonato de cabiri  
Ao longo dos caminhos-de-ferro  
    Dou e recebo socos  
Dos vizinhos da regedoria  
Por dissídios de terreno  
    E normas de cultura

Numa noite de loucura  
    No colonato em Sacassenje

Dividimos a terra  
    entre pevides & árvores de fruto  
    entre sangue & cicatrizes

E fiquei providente na fronteira  
Empunhando a tranca da minha porta

VII

Ora caminho  
Olho que nasce: nascente que olha  
A sombra da omoplata sobre o mundo  
Tocando tambor  
    com sangue d' África  
    com ossos d' Europa

E

Todas as tardes meu polegar regressa  
E diz à boca da ribeira  
De Adis Abeba vim E bebi  
Nas cataratas de Ruacaná



## Recado de Umbertona

Umbertona! amanhã  
irei de largada para nossa ilha  
Que sinal de amor terás  
para eu levar à tua gente?

Não! estou seco  
broken  
desnorteado como um caranguejo

Mas não terás  
qualquer cantiga de exilado  
Dessas sem manhã  
nem boca da noite  
para eu levar à voz do nosso povo?

Vai! Diz a São Vicente  
que a sombra do meu corpo é uma cruz  
Longe do sol da minha terra  
correndo a África  
correndo a Europa  
correndo a América  
correndo o mapa  
correndo o mundo

Vai! Diz ao Porto-Grande  
Que não me chame saudade

Porque o meu nome é sangue  
E o sangue desta saudade é  
Como o sol da terra longe  
Monte-Verde  
a esperança da manhã  
Monte Cara  
o desespero da noite

Vai! Diz ao Monte Cara  
Que o mar é o suor do meu coração  
E é um navio a árvore do meu corpo  
Com seu mar na costa  
Os seus pés descalços  
na orela do mundo seguindo  
Com o rio Jordão corre  
para a eternidade de Cristo

Recado! Vai e diz  
Ao povo de Tchuba Tchobê  
Que se as pedras do chão são letras  
A planta dos meus pés é uma escola  
Porque

Os meus pés são largos  
Os meus pés são grandes  
E o mundo  
É um dedal num dedo meu

## Emigrante

Todas as tardes o poente dobra  
O teu polegar sobre a ilha  
E do poente ao polegar  
cresce  
um progresso de pedra morta  
Que a Península  
Ainda bebe  
Pela taça da colónia  
Todo o sangue do teu corpo peregrino

Mas quando a tua voz  
for onda no violão da praia  
E a terra do rosto E o rosto da terra  
Estender-te a palma da mão  
Da orla marítima da ilha  
De pão & pão feita  
Ajuntarás a última fome  
à tua fome primeira

Do alto virão  
rostos-e-proas-da-não-viagem  
Assim erva assim mercúrio  
Arrancar-te as cruces do corpo



A tua dor  
E o teu orgasmo

Quem não soube

Quem não sabe

Emigrante

Que toda a partida É potência na morte

E todo regresso É infância que soletra

**Canto Terceiro**  
Pão & Património

Do nó de ser ao ônus de crescer

*ILHA*

Do nó de ser ao ônus de crescer

Do dia ao diálogo

Da promoção à substância

Romperam-se

As artérias

Em teu património

Agora povo agora pulso

agora pão agora poema

Ilha

Ilhéu ilhota

noite

noite alta

E o batuque não pára

Em nossa ancas

AGORA POVO AGORA

Que as colinas nascem

na omoplata dos homens

Com um cântico na aorta

Árvore & Tambor tambor & sangue

Punho

pulso de terra erguida

Agora

No crânio da Boa vista

Naufragam mastros e caravelas

E

O mar é rosto que advoga

Entre os tambores e as ilhas em matrimónio

Agora povo agora pulso

agora pão agora poema

Ilha

Ilhéu ilhota

noite

noite alta

E o batuque não pára

nas nossas ancas de donzela

AGORA PULSO AGORA

Que todo o pão é exequível

Depois da árvore antes do tambor

Depois da fonte antes do fonema

Antes da gengiva

dente e embrião

Que morde

Na mó de pedra

lasca e lisa

O tegumento na sua casca  
Agora  
Que a ilha cresce na viola do exílio

No violão do travador  
Um coração de napalm  
Agora povo agora pulso  
agora pão agora poema

Ilha  
Ilha  
Ilhéu ilhota  
noite  
noite alta  
E o batuque não pára  
nas nossas ancas de donzela

#### AGORA PULSO AGORA

Que o pilão viaja com pés de Portinari  
Ultrapassando o abcesso  
Das ribeiras em viagem  
Com hélices de pedras  
Ao redor da pedra  
E teias de aranha no poente da boca  
Agora  
Que navios descem  
Cadamoto  
As terras de pozolana

Carregados de cio E selo branco  
E ressonam  
Osso osso de caprino sono  
E

O milho é datio pro solvendi  
Com timbre de moeda na retina  
A usura dos mercados debaixo da língua

Agora povo agora pulso  
Agora pão agora poema

Ilha  
Ilhéu ilhota  
noite  
noite alta  
E o batuque não pára  
nas nossas ancas de donzela

#### AGORA POEMA AGORA

Que do marulho  
às pedras de sílaba longa  
Os joelhos rompem  
ilhas da tua boca  
O violão da unha  
a viola e o vento  
Viola do tempo ao tempo grávida

De sub  
ou  
de substância  
E todo o fósforo Que soma  
A árvore do teu lábio

Ao tambor de tal tâmara  
E  
Do som E da saliva  
Volva o ovo o colmo  
Que te apelidam  
Do fonema ao fruto  
Dedo a dedo polegar e seiva  
Na tosse tosse da carne ósea  
Tossindo verde  
De gema-fogo no poço dos joelhos...  
Agora povo agora pulso  
agora pão  
agora poema agora

## Terra a terra

*(Segundo Ovídio Martins)*

Que a terra é carne!  
Agora e sempre  
Já a criança nos falava dela  
Devorando-a  
Não  
A terra das cicatrizes  
Mas  
A terra que cicatriza  
E nem sempre  
A poeira Que o sangue irriga  
Ou terra tecida  
Na rosa-dos-ventos  
Mas a terra!  
O polme da terra  
Que o sangue bebe  
E a criança diz  
"na ferida: saliva e terra vermelha"  
E jamais  
A terra trazida  
polida  
no espelho da gáspea  
Mas o bolor da terra  
que tal umbigo devora

## Porta de sol

I

Das colinas de colmo

com portas de sol

Desde crianças

nuas e magras

como violas

As costelas dentro das cordas

Todas

Primogênicas

do mesmo ventre

E filhas

Do mesmo vulcão E da mesma lava

Da mesma rocha E do mesmo grito

II

A ilha roda no rosto da criança

com a «vareta presa» na roda do vento

III

Nem sempre

A criança respira

um pulmão

roto de mapas

E assim

como as ilhas

Ao pôr do Sol

Se alimentam

De fonemas

Cada criança

É ditongo de leite

Com sangue nas vogais



## Há navio morto na cidadela

Há navios mortos na cidade velha

Uma criança atravessa a ilha entre os tambores  
O arbusto da mão cheio de terra  
E coloca as sementes perto das violas

Duas crianças contornam a boca da ribeira  
Com um canto de galo na veia cava  
E acordam

Com o nó dos dedos  
A proa dos rostos  
De remos mortos no ocidente

Três crianças dobram  
Os degraus da comarca E  
Arrancam da carne  
As âncoras do achamento  
As naus da descoberta

## Pilão

I  
Trazes sempre um ditongo na palma da mão  
Que de manhã

A mão sobre a colina  
Árvore de sol fraterno no seu fósforo

Bigorna na mão  
ampla  
Ogiva da mão  
alta  
Mão óptima

A semente ouvida  
esquecida  
na fundura dos membros  
É consanguínea  
De um deus Que brame  
na dimensão do pulso

Um  
gota sol gota bemol  
Dois  
colmo antes colmo depois  
semente ontem sangue ainda

Três

a fome de ontem a fonte de hoje fronte & foz

II

Ouve-me! primogénito da ilha

Ontem

fui lenha e lastro para navio

Hoje

sol somente para sementeira

Devolvo às ondas

A vocação de ser viagem

E fico pão à porta das padarias

Onde

o bolor da terra

é sangue e trigo

E o milho Que amamos

É nosso irmão uterino

Onde

os corvos sangram do alto

bibliotecas de tantas sílabas

Onde

os corvos sangram do alto

bibliotecas de tantas sílabas

Onde

o osso é cada vez mais espiga

a espiga é cada vez mais osso

Aqui

Ergo a minha aliança

De pão & fonema

Enquanto

O vento bebe

e o vento bebe meu sangue a barlavento

O pilão e a mó de pedra

Esse homem E a sua fêmea  
Tal tábua o seu tabernáculo  
O sol na boca grávida  
O pão das artérias sobre a mesa

Esse homem E a sua fêmea  
Tal fonte E o seu fonema  
O alarme na boca revolta  
O grito da artéria sobre o mapa

E pão pedra  
    palmo de terra sendo  
Seja  
    tempo & tâmara  
Sobre  
    tempo & tēmporas  
    E galopa  
O diálogo o dialecto  
    que  
    pelo

Palato galopam  
    Trazendo

a  
e  
i  
o  
u

    nas suas vagens

E tantas árvores  
    que pendem  
Do céu-da-boca à boca da comarca  
    Que

Falso é o peso  
Falsa é a medida  
    na língua  
    no fogo  
    na fruta  
    no dolo & culpa

## Quando a manhã amanhecer

Oh! Quando  
Oh! Quando a manhã amanhecer  
Quando a noite for mais noite  
E a manhã amanhecer  
Com os pés fincados no chão  
E a terra no coração  
Quando o sangue romper do corpo  
Numa árvore de braços abertos  
E a semente gritar da rocha  
Tambor de boca verde  
E daquele som  
Àquele sangue soldado  
Nasceram bocas  
    bocas centradas  
    bocas rasgadas  
Na roda do sol

Oh! Quando a manhã amanhecer  
Sem pendurar seu desespero  
Na bandeira da porta  
Sem acender lanternas  
No rabo dos burros  
Para naufrágios de navios  
Sem navios quebrados  
Na boca do povo

E o mar bem alto! bravo!  
    desesperado  
Vier quebrar na Praia Grande  
Seus braços gordos de pecado  
E o mar vier  
No seu luxo  
E na sua grandeza  
Seu mastro  
De mar erguido no peito  
Seu mapa branco  
Desenhado na alma  
Vier beber na colônia da minha boca  
Toda essa história do meu sangue ultramarino

Oh! Quando a manhã amanhecer  
E Cristo descer da sua morada  
E vier vindo  
Para o braço direito do Monte Cara  
Com seu cabo de enxada  
E seus calções de drill  
Com seus pés descalços  
E seu dedo partido  
E se sentar  
Na pedra redonda do nosso fogão  
Sem chuva na mão  
Sem fraqueza no sangue  
E sem um corvo no coração

Oh! Quando  
Oh! Quando a manhã amanhecer

## De rosto a sotavento

Há mãos que cantam  
no rosto da página

O fonema  
que estala  
de pão & opala

Ao sol  
cantaria  
sol bemol e tambor ao redor  
a fome a fonte  
a fome de ontem  
a fonte de hoje  
De frente

Há membros que cantam  
pelo rosto da terra  
o tal litro de sangue  
Sem penhor E sem usura

De sol  
cantaria  
sol bemol e tambor ao redor  
o medo  
ao redor do medo  
sem medo  
morto de medo

Oh hierarquia das mãos  
Oh martelo nas alturas  
Não amortalem

a minha fome  
Entre a tábua dos decretos  
E a vírgula morta das portarias  
Que o vento

Já dobra  
Arbustos de sol para a minha boca  
E o sol já tosse  
consoantes de sangue  
Pelo espelho da terra  
Em cabelo crespo

Oh verso livre  
Oh semente  
Oh sangue de violão & viola  
Não consintam  
Que o tempo  
Roube à minha fome  
O ovo do sol que nasce  
E a tábua  
Do meu tabernáculo

## CANÇÃO

Longe longa a tua viagem  
Que a semente  
Consome a sua herança

pelo céu-da-boca  
Que a saliva  
    é espessa  
        é nebulosa  
Como rosa-dos-ventos tecida em tua roca  
Que as vogais pesam  
    no prato da balança  
    como astros e tâmaras  
E antes da noite  
    o silêncio o cio  
        nos nossos ouvidos  
Falávamos  
    Árvore e habitação  
E lá estavas tu

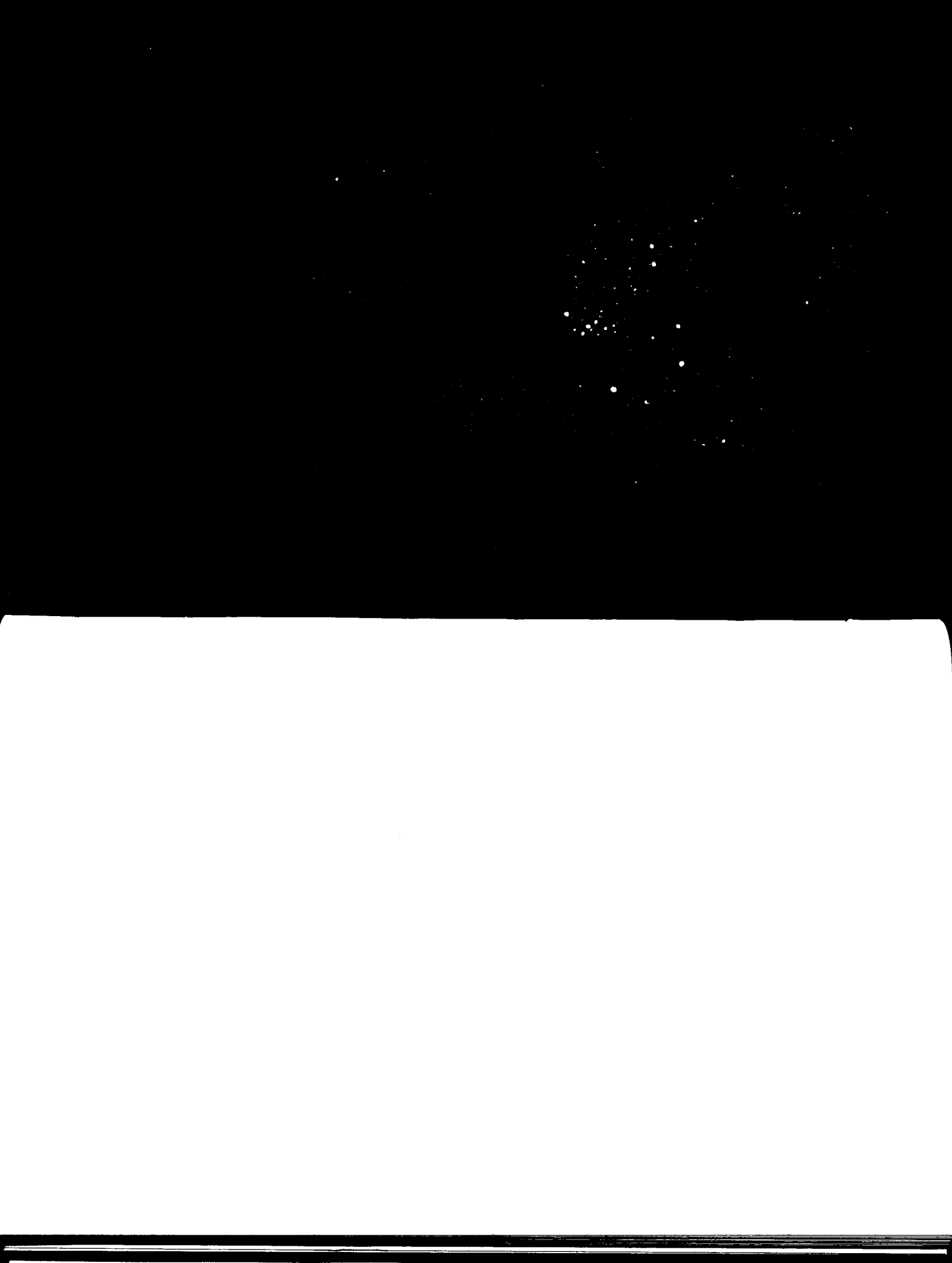
OVO

que cresce  
No tambor da ilha  
    Como SOL  
Mordendo o umbigo de Deus

MAS ANTES MUITO ANTES

Que os tambores erguessem na colina  
    tal coração de terra batida  
Eram as fontes  
    De som E de substância

Ainda p & pão  
    no ventre das violas  
Então  
    Sarampo e sangue  
        no timbre de cimboa  
Como as fontes da saliva  
E as fontes de amido  
Como as fontes de penhor  
    E as fontes de usufruto  
E todas elas: fon & fontes  
Com o seu peso de leite  
    E o seu volume de cilício  
A fonte de "f" a fonte "g"  
As fontes de ontem as fontes de hoje  
E o timbre das canecas  
    no fundo dos poços  
De baía enchendo  
    As nossas vasilhas



Proposição & Prólogo



## Ilha

Sol & semente: raiz & relâmpago

Tambor de som

Que floresce

A cabeça calva de Deus

## De boca concêntrica na roda do sol

I

Depois de hora zero E da mensagem povo no tambor  
da ilha

Todas as coisas ficaram públicas na boca da república

As rochas gritaram árvores no peito das crianças

O sangue perto das raízes E a seiva não longe do  
coração

E

Os homens que nasceram da Estrela da manhã

Assim foram

Árvore & tambor pela alvorada

Plantar no lábio da tua porta

África

Mais uma espiga mais um livro mais uma roda

Que

Do coração da revolta

A pátria que nasce

Toda a semente é fraternidade que sangra

A espingarda que atinge o topo da colina

De cavilha & coronha

partida partidas  
E dobra a espinha  
como enxada entre duas ilhas

E fuma vigilante  
O seu cachimbo de paz  
Não é um mutilado de guerra  
É raiz & esfera no seu tempo & modo  
De pouca semente E muita luta

II  
Poema! Que o tempo  
Não peça milagres  
por favor  
Que ainda ontem  
Os relógios alargavam a boca dos cemitérios  
E o silêncio dobrava o sino dos séculos que tombavam  
Que ainda ontem  
O silêncio era lei E a fome! parlamento  
E o sangue! moeda na boca da colónia  
E a colónia era pólvora no gatilho  
De trezentos & trezentas mil almas

III  
O homem que veio de longe  
Osso & nervo nervo & olhos  
Com a baleia no sangue E a proa no coração  
E planta os pés no umbigo da república

E explode árvores & tambores  
De tantas bocas  
Não é um mutilado de guerra  
É um companheiro de luta

\*

Não me peças milagres  
por favor  
pede-me revolução! camarada  
Não & somente  
A revolta da página sob o olho da terra  
nocturno nocturna  
Mas a revolta do pão  
entre o sangue e a seiva  
Mas revolta do rosto  
entre a roda e o mundo

*Luís de Almeida*

## No rosto dos homens nasceram costelas de Sahel

I  
Ó tambores de barlavento  
Ó tambor!  
    tambores de sotavento  
                    Agora  
Que na omoplata do homem  
                    estala o coração da pedra  
A ilha ergueu até à boca do mundo  
                    a baía austera  
E o espírito é árvore E o sangue  
                    o sal da terra  
Bole tambor  
    A pedra da noite E a noite de pedra  
                    "com o teu dabá"  
E acorda  
    o rosto na semente  
E sacode  
    a árvore no homem  
Que os dedos de Junho E os dedos de Julho  
Movem  
    o dorso do deserto  
                    que caminha  
Até onde termina a erosão  
                    do teu útero! ilha

## MAS

Na dor salgada  
Na dor olímpica dos homens  
As sementes crescem  
Pelo colmo da boca  
                    Como raízes sobre o mapa  
E as mulheres ergueram  
                    Erguendo  
                    Na boca do drama  
Diques  
De espaço & tempo  
Para que a criança E o olho dela  
Fecundem  
                    Sobre a colina  
                    O umbigo vermelho da esperança  
  
II  
Ó velho arbusto! Que foi colónia  
Ó velho arbusto! Sem sombra  
Ó dever de uso! Oh direito de usura  
                    Que foi E fora!  
Na salina do mundo somos o sangue que transita  
No ovo da ilha  
                    o povo que se renova  
                    E desde ontem

Toda a dor renovada  
tomou a forma de uma charrua  
Que o rosto de Agosto E o dorso de Setembro  
Ondulam  
O umbigo do deserto  
que expande  
Até onde termina a erosão  
do teu ventre! filha

MAS

Naufragada  
no sol das manhãs  
a moeda do império  
As ilhas  
Perdendo peso  
ganharam asas

E o arquipélago  
Cresceu no ventre de tantas fêmeas  
O vulcão perto das raízes  
E a viola não lon  
longe do coração

## Canto Primeiro

De manhã Os tambores amam  
A chama da palha na mão



I  
De manhã! as ilhas  
Da minha pátria nascem grávidas  
Como o arco-íris  
na menina do olho  
E falam  
De afro-pão E afro-guerra  
Como o olho na pólvora do mundo

\*

Quando! de manhã  
o ovo na colina  
meu & minha

Ama a fome das palavras  
com o ventre na penúltima sílaba  
E a bandeira do útero  
rasga o hino da terra crua  
o vulcão é força  
a ilha é semente  
o mar é músculo  
a cabra é ouro

\*

De manhã! As crianças da minha pátria  
Nascem

com oásis na palma da mão  
E plantam ilhas  
na boca do sol  
E dão aulas na boca das sementes  
Que a escola  
é olho do mundo que sangra  
é flor do sal que ama

II  
Como criança! amamos  
os sons E as sílabas  
Como seiva nos olhos  
E na sílaba! amo  
A vogal que desce  
Da árvore da montanha  
E cresce  
Entre sons de violão & viola  
Sons uterinos da ilha que nasce  
E consanguíneos do tambor que ama

\*

Amo as palavras  
Que estalam nos olhos a lava dos vulcões  
Palavras  
que tropeçam no "p" de pilão  
E se gaguejam  
Arrastam pela boca  
esta corola de terra

Palavras que trazem

milho

nas sílabas

E mar nos ditongos

E dançam sobre as ilhas

A viola marítima

Das duzentas milhas

isto é

III

Como a pedra Que modela o ombro da sua Pátria

Há sons que arredondam a boca dos tambores

e invadem o temor

bolor das bibliotecas

com o p de pão E o m

de milho por pilar

com o c de casa E o t

de tecto por construir

com o s de semente E o t

de terra por semear

com o t de tear E o p

de pano por tecer

E mordem o lábio das prateleiras

Estalam aftas de sol

na boca dos compêndios

E escorrem rostos

pelo regato dos dedos

Com o riso da ilha nas entranhas

E saem à rua naquele bloque

Tá levantá broce

Naquel dsuspere & graça

De soletrâ liberdade

Naquel ritme

Naquel fosfre de morna

polvra de koladera

E exploson de funaná

IV

De manhã! as ondas quebram

no rosto da ilha

o ovo & gema Da palavra alma

E no seio das ondas

no seio das mães As sílabas amam-se

Não há idade núbil entre as palavras

Como as ilhas

nascem graves

nascem grávidas

V

De manhã as rochas tecem  
na boca do mar

O rosto do útero da palavra amor

Da casca

De céu & gema! O sol desce  
velho & jovem

E ajoelha-se à porta das maternidades

Enquanto lava  
mãos pés E tronco

Com a lava dos vulcões

Oferece-se  
sangue & seiva letra & música

A cada revolta

A cada árvore & tambor  
Que nasce

Redondo

como o rosto do homem

Redonda

como a roda do mundo

VI

Ó dívida ó mundo ó mundividência

Com sílabas de pó & pólen

A raiz do dragoeiro

escreve

no deserto da manhã

A tua usura de sol

A tua usura de séculos

Ó dívida redonda

sobre a moeda do mundo

Ó dívida do mundo

sobre a moeda do mundo

Jamais o naufrago da ilha  
no mar do teu olho

Jamais o útero da ilha  
no olho do mundo

Que do pão da diáspora  
Que amas

Ao ovo da reconstrução  
Que amas

Não há sêmen

Não há deserto que resista o amor à primavera

VII

RAIZ & ROSTO

De manhã! há rostos & ombros

Que amadurecem árvores no horizonte

E o céu! na sua casa amarela  
Salpicada de formigas e estrelas  
É um fruto indeciso que não tomba

\*

Rosto! do oásis do teu olho  
Nem sempre o deserto cospe  
Entre as rochas: um caroço lunar

E

Dos seios da ilha ao corpo de África  
O mar é ventre E umbigo maduro  
E o arquipélago cresce  
Entre as ilhas Que se vestem  
Entre mil... milhão e uma  
Mais outra árvore agora  
Mais um arco-íris depois

\*

E o corvo desta horta te dirá!  
ó usufruto  
Que do uso da ilha ao fruto dela  
As mãos & pés do meeiro  
Já não pesam o céu  
Na balança da terra

Com abutres  
Menos abutres no teu sangue

\*

De manhã! Há tambores & ombros  
Que amadurecem rostos no horizonte

E

Sê tu ilha! No teu cavalo de pedra  
Estendes a goela e os membros  
E respiras  
arboreamente a maresia

As salinas sangram  
Pela dubla narina da alma  
Pela dubla narina que galopa

Um arbusto de só E um arvoredo de sedução...

É raiz à procura do rosto  
É a face à procura da seiva

\*

E ao meio-dia! o deserto  
No seu crânio de vida  
Salpicado de sombra E sol verde



Já não fala à ilha  
Já não fala à árvore  
Do seu falo de solidão

Da solidão não só... mas solidária

VIII

De manhã! nascem veias  
no rosto da tua cratera  
Nem mar nem mágoa  
Entre Fogo & Brava  
Apenas a hélice da terra revolta  
Apenas a hélice de fogo  
no olho másculo de Sahel

\*

A manhã pesa na balança da ilha  
A alegria da gema  
que o sol suporta  
A ilha pesa na balança da alma  
A luz do rosto  
que o vulcão devolve

\*

Ó sol & soldado de pão  
Sem pão & caldeira E a multidão por amar  
Sem ovação & podium E o peso olímpico por erguer

De que lado  
pão & paz amaremos  
O olho estrábico das palavras  
Que pintam  
O rosto de África  
Com o sangue  
du soldat inconnu

IX

De manhã! o pilão povoa o templo das nossas têmeoras  
E os tambores amam a chama da palavra mão

E antes  
Que as mãos se povoassem  
De sons com asas sobre o ilhéu dos pássaros

As ilhas falavam  
Do cio da palavra silêncio  
Então! amamos  
As palavras com cio  
Que alargam a cintura do mundo  
E amei  
O cio das palavras  
Que alarga sobre o mundo  
o diálogo da África nua

Que

Sem o polvo E a pólvora  
Da mordação  
O tambor d'África  
Tem asas  
espírito  
E boca esdrúxula

X

Ó rio de sol no tambor de ser  
no tambor do não só! mas solidário

Sabias? amor  
Que o "lh" de ilha a ilha  
É mar & tornozelo de pernas longas sobre o mundo  
E o mundo: crânio de sol  
Nos teus vales de pernas abertas

Lembro-me  
A cabeça sobre África  
Alta  
E as ancas sobre a ilha  
As pernas da minha mãe  
Pesavam como penínsulas

Sabias? amor  
Que "lh" de ilhéu ilhota  
É antena de astro longo  
Sim! há palavras  
com pés  
com asas  
E no sangue das palavras  
há pistas para óvnis

Mas no "lh" da palavra Julho  
Começa  
esta dor & júbilo  
De ser ovo que rola  
Do Útero para o Universo

## Canto Segundo

hoje chovia a chuva que não chove



a)  
Quando a África incha seus músculos de sangue &  
secura  
Não há Sahel que não queime  
No coração da noite  
A sua salina de solidão

\*

Não há boca Que não chova a sua gota de corpo & alma  
Nem gota  
De água doce Que não seja  
Um espaço! para amar & habitar

b)  
Por vezes! o relâmpago  
Escreve coisas vivas na boca do arquipélago

\*

E as ilhas soerguem-se  
pelo arquipélago de patas  
E vão  
De cratera em cratera

Erguer  
na boca das sementes  
A força contida dos vulcões

c)  
Homem! Deus é grande entre duas ilhas  
Se baleias emergem da gota do teu rosto

\*

*Ex/112*  
Na ilha! A cicatriz de Deus é grande  
Mas a ferida do homem é maior

\*

Canção! no arbusto da viola  
Que chove  
A lírica de Deus é grande  
Mas a música do homem é maior

d)  
Amor! que chova  
sal no salário de sábado  
E mi fá sol  
Da linfa dos músculos  
Que hoje! o povo  
Chove no povoado a sua chuva de séculos

E a goela das ribeiras  
incha-se De aplausos

Que a chuva  
é  
podium  
na maratona das nossas artérias

e)  
Por vezes! o vulcão é ovo Em cada rosto  
E as ilhas eclodem  
E as ilhas chovem da casca do homem  
Como pássaros de liberta  
E as rochas tremem no coração de Santa Bárbara

f)  
E chove do "r" "s" da erosão  
Que devolve  
O milho ao marulho E o mar ao milheiral  
E aviva  
Entre duas costelas  
O vale  
Da pedra rubra E rumorosa  
Da ribeira Que rompe

g)  
Então chove do poema do Ovídio  
E da prosa de ser Martins  
E do silêncio Que leva não leva  
As sílabas de Outubro  
Ao drama do "se" na boca da sementeira

h)  
Por vezes! o vulcão joga  
o pilão da ilha no chão da alma  
Ó como rodopia  
A árvore do dia no tambor da diáspora

i)  
A gota de Agosto  
A gota de Setembro no rosto deste homem  
Tem o peso verde  
Da-rocha-que-leva-um-rebanho-de-cabras-às-costas  
Que as portas de mar  
À freguesia mais próxima  
O úbere da cabra  
É o melhor porto de abrigo

j)

Mas no olho vítreo de gota  
uma cabra dança E outra coxeia  
Ambas arrastam Entre as patas  
Um eclipse de sol  
No rosto oblongo da gota  
As ilhas são cabras  
as cabras são ilhas  
com úberes na Via Láctea

k)

Mulher! quando o céu da tua boca  
Arrasta o corpo da terra  
Até à goela da água longínqua  
A febre canta no arco-íris  
Da carne que sangra  
A montanha roída dos dentes...

E à cicatriz da mão  
brotam raízes  
Que vicejam a memória dos séculos

l)

Por vezes!  
Falam sílabas à cevada dos silos  
E unha & dedos à urgência dos diques

m)

Por vezes! o deserto  
Chocalha nos ossos o seu esqueleto de gotas  
E as formigas povoam  
o silêncio de Deus  
como um crânio de céu aberto

n)

E de pé! o arquipélago ganha vela  
porto & terra  
De árvores com hélices nas raízes

o)

E chove  
no luar crespo da lua nova  
Quando o céu quebra  
na lamparina da ilha  
O astro  
O monge do dedo à procura da manjedoura

p)

E chove sobre a hora  
Que o sol depõe sua querela  
na pedra do arquipélago

E vem ilha + ilha  
com pés caligráficos + a  
Ferida de pão na meia-lua dos joelhos

q)  
Ó como chove! meu amor  
Chove! na sombra  
dos gafanhotos sobre o crânio de Deus  
Chove! do nó de gravata  
dos dignitários de Sahel  
E nas patas traseiras  
das alimárias que resistem

r)  
No telhado da vida! chove  
Letra & música da viola  
Que se nos inunda  
Gotas escrevem a história da ilha  
Na memória branca dos lençóis

s)  
Chove pulga & ponto: sangue & vírgula  
Na tábua da cabana Que olha  
O céu da tarimba Que dorme  
E chove na soleira da porta  
Sobre o velho rosto que floresce! como

A chuva que fala & canta  
numa caneca de folha

t)  
Alma! no espelho da Várzea  
Há gotas que se festejam  
E s'enlaçam  
entre a morna E o violão dos dias  
Há cópula  
E pelas coxas da ilha gatinham  
De Setembro a Junho  
Julho da vida  
E erguem E dançam  
o pé  
a poeira  
o fogo  
o ferro  
E a gaita do funaná

u)  
E chove no sarilho do (adolescente)  
Que vem E planta  
O maior número dos arbustos do ano  
E vai garbo macho  
beber mais um copo  
À porta do povoado

v)

E chove grávido  
no ventre da Bia ou Maria  
Que amou! num só grito  
A voz da multidão: miúdo ou miúda?  
E cresce ainda acesa  
De vergonha fresca na raiz das ancas

x)

A criança ficou bêbada de chuvasol  
E apostou  
Que as mãos E as ilhas  
Voariam gémeas  
Assim aves de espaço & tempo

E diz a criança

"sob o olho da terra arável"  
Sou a semente  
Por onde sonha  
A cabeça do arquipélago

\*

E chove das bochechas da praça pública  
Onde  
o coreto flutua

No metal oco dos instrumentos de fôlego  
E chove no olho do macaco  
Que roubou  
a alegria E o sopro  
Da tua bexiga de porco  
Ó gargalhada ouvida sobre Monte Sossego!

y)

Por vezes é Domingo E sentamos  
Na pedra da manhã plena  
A nordeste! o cometa Halley nos acena  
Como nação que se festeja  
Então! saudamos o tambor E o versículo que chega  
Ao fim do dia E nomeia  
o seu povo E a sua lei  
Entre o fogo de eclesiastes  
E a parábola do Testamento de Amílcar

w)

E diz a ilha a cada letra do alfabeto que chove  
Do olho da arte nasce o oásis do artesão



z)

Labor & mão: mão de labor

Dirá a semente

Que sangra

A raiz de pedra & ombro

Amanhã também é ilha

Na árvore de cada vida...

E as enxadas dormiram Na veia cava dos homens

## Canto Terceiro

O pescador, o peixe e a sua península

I

Pescador! antes do comício à beira-mar  
O tambor da manhã ainda é búzio  
Que as ondas trouxeram  
    pelo bronze da noite  
    Ao ouvido do teu povo...

E soubemos pela crônica redonda  
    &  
    oval da chama

E pela boca do sal que fala  
    No fogo das três pedras  
Que não há planícies além ondas  
Nem cardumes no mar alto  
Sem

    O tambor na colina  
E a nesga luminosa  
Da tua alma no anzol

E

Se tambores de água aproximam  
    Do coração da falésia  
Barbatanas há  
Que sobrenadam o olho da macaronésia  
E vêm soletrar

    letra & sílaba  
    o seu bocado de terra arável  
É o parto das ribeiras no betume de tantas guelras

II

Da letra & música da última maré  
E do pé do vento!  
    coreógrafo  
    no trovoar da onda

Os botes partem  
Segundo o signo dos remadores da proa  
A balança...  
    nunca antes do aquário

E

Na paz de tanta proa  
Sobre a onda de tanta guerra  
Os botes levam na alma  
    A última morna da ilha

E

Do vulcão à vela que o poema chama  
O trovão floresce  
Na árvore da bruma  
    A raiz viva do harmatão

E

O remo é relâmpago no rosto da noite  
Que queima

no espelho das vagas  
Rugas de carvão aceso

E

Diz o tempo à tempestade  
Que a aldeia morre um pouco  
Nos braços do povo no povoado  
Se dia após dia  
O poente chega à praia antes do pescador

III

Cardume! pelo fósforo das ondas  
Planava a erosão  
Da tua escama luminosa  
E direi a ti! ó fogão  
Das três proas sobre o poente  
Que o relâmpago sobre a dupla vaga  
É belo  
Com o peixe Que resvala  
Entre o ilhéu E a sua península

E

Então vimos! só pra ver  
Barbatanas que foram planícies  
Sobre o zimbros das ondas que vão

Quebram e bailam  
o passe dobre na dobra do mar

\*

Perto! homens & remos  
Erguem-se na vertical da proa  
Como lanças  
De um guerreiro sem memória

E

Longe! Entra a fauna e a flora de mar  
O peixe é só alma vestida de brisa

IV

Da boca do mar! a sardinha é língua que salta  
Junto do solfejo das ondas  
Entre a orla e a língua de mar  
A sardinha é bando Que toca  
Piano de olvina! viola & orquestra

MAS

Além! no podium do mar largo  
Os cetáceos são olhos que saltam saltos de solidão  
E se apaixonam

Ao longo da costa  
Pelo ombro da ilha Que de longe balouça

Há pacto de amor no ombro do mar

E só depois! revezam-se conosco  
Na faina  
E na arte da pesca: peito & proa...

como marinheiros d'alto porte  
como capitães-de-mar-e-guerra

V

Quando a ilha é sacerdote  
E o mar é catedral

E o poente! oração

Que se ergue

Entre ao mar E o seu cardume

O anzol aproxima-se do ofício

Como o céu-da-boca

Entre a hóstia e a comunhão

E diz a proa à sétima onda

Amor!

Entre o peixe e o pescador

Não há melhor isca

Que o bater do coração

VI

Rede! os rostos na manhã

Tecem

teus girassóis De sombra & silêncio

Tecidas na manhã

As baías

De suor & sargaços

O corpo da ilha é rede

Entre duas marés

\*

E olho a olho! Marulho a marulho

O cardume enovela

rugas & artérias

Sobre as ondas Que tecem

o arquipélago

No sangue dos pescadores

VII

Anzol! no promontório da mão

Que ondula

A palmeira do maralto

A cana verga-se...

E do mar à última gota

E da guelra ao penúltimo abalo  
Sobram sempre testemunhas

Da boca à má pesca  
Do bem ao mal pescado:

\*

A moreia!  
Vim à tona ouvir no chapinhar da popa a B. Lêza  
dos  
últimos acordes de lua bô ê nha testemunha... mas a  
idade  
das águas subterrâneas soletramo-la ilha a ilha de página  
aberta na planície da minha frente erguida

\*

A garoupa!  
'm tava bem na budja bem traze nha bandêra

ao suor de todas as corridas de maio... galopam ainda à  
distância do meu sangue as patas dos cavalos que vão  
pelas  
crateras vermelhas

De crina fogo pedra fumo casco e brava

\*

O atum!

Nem sempre a calvície da minha morte é testemunha  
dos  
anos de seca X... mas

Se no espelho da onda a proa é fibra seduz-me  
a  
febre do pescador que traz a hélice na prótese do olho

\*

A estrela-do-mar!

Sou um operário  
Não admito anzóis de apoio  
E venho pela noite de todas as marés soletrar  
nas  
mãos das ilhas o "X" do xadrez do mundo  
A cavala!

Enamorei-me de tal braço de mar E pelo noivado  
da onda  
ganha-se na balança alta do mar a África

De ser

A safra mais nobre do ano  
E puerba será a onda que levará de mar a mar o  
baptismo  
de sangue & sílaba à boca das maternidades

E o pescador! filha  
Chamar-te-ás: ave de amor mar & Maria

\*

A sardinha! Pai  
Há mar vida & arco-íris  
Apenas  
Não há sangue  
metal e escama  
na moeda do pescador

*Onde mora a mão  
e a viola do artesão*



I  
Aqui! é a boca da ilha  
    onde  
    a frescura tem alma  
E o poço E a pedra  
    vivem  
Um adultério  
    sem mágoa  
Ali! é a "boca da pistola"  
    onde  
O mar E o mundo  
    habitam  
Esse patrimônio sem bala  
E além! onde as ondas alargam  
    De boca em boca  
Esta paz de terra vermelha  
É o lugar das Embaixadas  
Onde as nações! crescerão  
    Em matrimônio  
Entre o falo da ilha  
    E o frémito da Via Láctea

II  
No olho da ilha  
    onde  
    o poente não dorme  
A montanha é pêndulo

na cintura dos homens  
Quando as rochas  
    dão têmpera & aço  
Ao corpo da alma  
De mergulho olho & osso  
Na goela erguida dos vulcões

III  
Aqui! as naus arrastaram o corpo da ilha  
    Até ao pelourinho da cidadela

Ali! as narinas do meu pai  
Sofreram o sopro  
    E a forja redonda  
Do carvão da cruz & caos  
Como a lesão no riso  
Como o sol no metal da dor  
É primo da matéria-prima  
Além! sob o silêncio do tambor de Deus  
Dentes d'Europa  
    vendiam  
    o pão d'África à fome das Américas  
E jamais soubeste! Perse  
Do preço do meu corpo no mercado da alma  
E enquanto os bois magoavam as patas  
    o olho da terra  
E choravam  
    o sabor da cana-de-açúcar

Delgada  
o trapiche na roda  
adelgaça  
a cintura da minha mãe  
E para sempre  
as cabras arderam na boca dos séculos  
o verde da resistência milenária

IV  
Mas onde  
onde mora? a mão  
E a viola do artesão  
No vulcão do teu corpo  
habita  
a minha boca lunar  
No rosto da pedra  
o espaço o tempo  
É filho & filha  
das nossas entranhas  
E amamos

De sangue & seiva  
De seiva & prana  
sobre o vento  
Aquém! além  
do falo de sol E da vagem da terra  
Entre  
O sangue que freme  
E a dor solarenga das lavas



**Canto Quarto**  
Odes de Cora de David



**Hoje queria ser apenas tambor  
no coração do imbondeiro**

I

O sol era ainda  
moeda de pão  
sobre o poente

Quando  
As buzinas do ódio  
E as rodas do ódio  
E o ódio dos homens  
com matrícula nos olhos  
Atropelaram no ventre da mulher grávida  
O mais novo dos filhos  
do povo de Cazenga  
O poente era então  
moeda de sangue  
sobre a noite

Quando os homens  
que eram rostos e revólveres  
Com bala nos olhos  
Que eram espingardas e balas  
com pólvora nas veias  
Ergueram  
Sobre o ventre pacífico do povo de Cazenga  
Um arco-íris

de dor  
de pânico  
de vísceras  
de sangue

II

E enquanto a noite  
debruçada sobre a noite  
Bebia da boca  
das balas assassinas  
O alto sangue  
Do povo de Cazenga  
As Forças d'Europa  
ressonavam  
Com lâmpadas E vitais nos olhos  
E um cravo vermelho  
entalado na garganta

Não cubram! Irmãos  
O rosto do povo de Cazenga  
Com o escudo vermelho do ódio  
Com o verde escudo da angústia  
É da árvore do amor  
que se constrói  
O caixão  
E a canção do nosso desespero  
que desde ontem

Erguemos bem alto  
O sangue do povo de Cazenga  
A alvorada  
    que rebenta  
    no coração do Imbondeiro

## Camarada Agostinho Neto

*(Fragmentos)*

I  
Estamos aqui! homens de sol & sombra  
À porta de Luanda  
À porta desse grito! na tua voz de granito  
    Estamos  
Sem grades na carne! sem algemas no espírito...  
És! somos o pão da revolta  
Que tu amas E nós amamos! poeta

\*

Sabemos Neto! pela dor muscular do poema  
Que tuas mãos colocaram  
Pedra nova nos alicerces do mundo! para que  
O Mundo fosse cada vez mais livre  
A Liberdade fosse cada vez mais Homem  
E o Homem! cada vez mais sonho:  
Dar à terra a voz do povo E ao povo a voz da pátria

\*

Angolanamente despoletaste a sílaba portuguesa  
Do seu peso de pólvora & opressão

E libertaste o pão da palavra  
Da casca da colónia & cicatriz fascista  
E trouxeste as solo da língua  
Um novo amor! a «Sagrada Esperança»  
De um país sem fronteiras

\*

Amigos e camaradas  
Caminhemos de Outubro para Setembro...  
Do pouco do mundo para o ombro de Luanda  
Para que vejamos E para que vejas! Neto  
Como o povo flutua  
Na bandeira do teu rosto.

II  
Como choraram os rios à nascente do teu corpo  
Se hoje! as montanhas explodem  
Nos calcanhares do teu povo  
Que avança  
Pela aurora Que nasce nos teus olhos cegos

E  
Se o sangue d'África e o coração da terra  
Não cabem! Neto  
Na árvore sólida da tua morte  
Os olhos d'África e o rosto do mundo  
Não caberão! poeta  
Na órbita do teu silêncio

És a força que ergue a África  
Entre tambores  
E aquém e além  
Das espingardas & árvores  
De vozes engatilhadas  
As províncias caminham até à boca do povo

E juram com Setembro do céu-da-boca  
A seiva do teu sangue será! poeta  
Dezassete vezes maior que o teu sonho

\*

E crânio a crânio  
O sol entre as árvores  
Comove o aço de tal silêncio  
E os canhões passam  
olho a olho  
rodando  
De mão blindada no coração

III  
Neto  
Há caminhos que a morte não ousa  
E a vida não canta

Mas que o povo percorre com pés de séculos  
Pelas rugas  
Que o poeta rasga no rosto da terra  
E pelo sal desta boca  
Te saúdo! poeta  
A ocidente desta língua que tu amas  
E com a mão da dor Que rasga no imbondeiro  
o ventre da terra-mãe  
E acena para o teu rosto  
Entre o sol e a savana  
Entre o monte e a montanha

Saúdo-te! com a nascente  
Que brota da árvore do teu corpo  
E leva a esperança do rio  
À paz de um mundo sem trincheiras  
Saúdo-te! com o pão ázimo do meu povo  
A barlavento... a sotavento + a força  
De quem luta  
Com a África na curva do teu braço  
E saúdo-te! poeta  
Com o povo desta seara  
Que as províncias ondulam  
Na boca do teu poema  
Isto é  
Com o voo das árvores Que roçam as lezírias do teu  
nome  
E erguem a tua voz  
Sobre a glória de tantas bandeiras

**Não há sol  
que morra  
na sombra do poente**

*Para ti! MANECAS DUARTE  
Da ilha ao amigo  
Do arquipélago ao Camarada*

PRIMEIRO ABRAÇO

"Falavam de ti nesta parte do mundo  
E o teu louvor não era nada mal"

Companheiros! os sinos não  
Dobram a vida E aurora  
De quem ama  
Nem há sol que morra na sombra do poente  
Mesmo! que o vento  
diga  
Que a terra esconde  
teu rosto! com um segredo

E o mar que acende a memória da ilha  
E aviva! nas rochas  
as rugas da tua face  
sabe

Que trazes no bolso  
uma viola para cada amigo  
E no pórtico da alma  
uma árvore para cada rosto  
E  
um poço para cada secura

Que na pedra da comarca  
E no lábio dos litígios! hoje  
O povo cura a ferida das sentenças  
Com a prana do teu verbo  
E a seiva do teu silêncio  
Mesmo! que o mundo  
Diga  
Que o vento esconde  
a tua voz! como um segredo

## SEGUNDO ABRAÇO

Hoje! amigo  
o amor é povo! poente & navio  
Na tua dor De porta aberta  
E o mundo  
transgressão & ternura

Na querela da tua sede  
da tua arte! pela vida  
E assim como o sol

Defende a sombra das catedrais  
Tinhas receio de iluminar a alma  
Para não ofuscar  
não ofender  
o altar de ninguém  
E diz o poema Que cose  
o céu E a terra  
Com a prosa do teu corpo  
Que não trazias  
o espírito  
entre a voz E o sangue  
Mas tão-só! um alto espanto  
Que te devorava eternamente

Lembras-te  
Da cabra dos caminhos na ilha de todos os dias  
Queria ofertar-te! viva  
A vivência desta língua  
De sal & fogo  
Que do céu ao cemitério  
Ganha  
espaço e tempo  
Para arder na boca o coração de Sahel

### TERCEIRO ABRAÇO

No ar  
o arquipélago escuta o pé  
Da tua partida  
Se o sol traz um arco à roda do teu rosto  
E com lábios de pedra  
céu & secura  
As nascentes aguardam-te à boca das ribeiras  
Onde! os violões  
Antes do meio-dia  
Devolvem às árvores o verde da melodia  
Isto é  
Da raiz da tua memória  
partem rios  
Partem aves de sol & sombra  
como flores Do arco-íris

\*

Ó estrela Que se rasgam  
Na palma da mão dos homens  
Ó leite & láctea  
De todas as Vias  
E polo de todas as potências  
Não violem  
O osso E o sangue  
Do meu amigo em viagem  
E as mãos E os telegramas

Que vieram  
Com 52 anos de avanço

Como  
folhas para o teu corpo  
E  
Raízes para o teu rosto  
Falamos  
Da tua força Em cada semente  
E falamos  
Do peso da tua safra  
Sobre a terra  
Como! ilha & bandeira  
Que explode sua espiga no coração da pátria

P.A.I.G.C.

I

É a potência fálica da terra + a potência famélica do povo  
É o povo de coração em marcha sob a bandeira de  
Pidjiguiti  
É a árvore de Boé + a proa do arquipélago que abalroa

No umbigo da colónia  
A caravela da opressão secular  
É o tambor da história + o ovo da concórdia  
Que devolve

À libertária África  
A dupla fatia do seu património  
É o braço do povo + o corpo da terra toda ela  
De peito aberto De pátria aberta  
É a Estrela da manhã  
No sangue  
Na alvorada  
Na árvore  
De todos nós

II

Amílcar!  
Há hélice & sonho  
na raiz da árvore que tomba  
Há sangue & ombro  
na pele do tambor que rompe

E da pedra  
E do Sol Que move  
O sangue e o rosto da pirâmide  
Não há Janeiro  
Não há Novembro  
Que não seja  
Uma península de dor  
Entre duas bandeiras



## Pólen para a tua boca

I

Que a paz venha  
Pelo pé & pólen das árvores de Boé  
Avivar  
Na dupla boca da terra  
Na boca dupla dos mortos  
Os tambores de tanta guerra

E nasça - Amílcar! uma pirâmide intacta  
No lugar do rosto  
Onde o deserto do teu voo repousa

II

Oh lençol amargo da África viva  
Que o rosto de Conakry não seja  
o corpo E o espírito  
Do mesmo coágulo de sangue

E que as balas de Janeiro  
E as valas de Novembro  
não misturem teu sangue – Amílcar  
À mesma moeda de corrupção

III

Oh raiz traída no bolor da côdea  
De sol à sombra  
Não há lâmina que resista à árvore  
De sílaba & sílabas  
Que vão  
pelo tambor da terra  
Que o espírito soletra

E de cratera em cratera  
de savana em savana  
Emergem! Amílcar

Colinas de mar alto  
primogênicas do teu sonho! onde  
As flores de Setembro  
alçam  
no tronco do mesmo drama  
O povo E a glória  
Da tua concha bivalve

## Canto Quinto

Tal espaço & tempo



**Acto de  
cultura**

Como o som cresce na fruta! na árvore  
Está o tambor  
E contra a erosão: a política da sedução

E

"Se o destino do homem é o trabalho contínuo"

E

Não há foz para o rio da palavra amor

Cultura! toda ela  
É a expressão dinâmica De um caos inicial

**Não há fonte  
que não beba  
da frente deste homem I**

I  
Nas rugas desde homem  
Circulam  
estradas de todos os pés que emigram  
quebram-se  
vivas! as ondas de todas as pátrias  
Anulam-se  
De perfil! as chinas de todas as muralhas

Na mão bíblica  
No humor bíblico desde homem  
crepitam de joelhos  
Desertos & catedrais  
Onde  
Deus & demônio  
jogam  
noite e dia  
a sua última cartada

E do pó da ilha à mó de pedra  
Não há relâmpago  
Que não morda a nudez desde homem  
Nudez de liberta!

Que a dor germina  
E o espaço exulta  
E pela ogiva  
ogiva do olho  
Não há poente  
Que não seja  
Uma oração de sapiência

Sobre a face desde homem  
o povo ergueu a praça pública  
E os tambores transportam  
o rosto desde homem até a boca das ribeiras  
E ao redor  
os vulcões respeitam  
o silêncio desde homem

II  
Não há chuva  
Que não lamba o osso de tal homem  
À porta da ilha  
Diz o sal de toda a saliva  
O sol ondula oceanos no sangue desde homem

Oh cereal altivo! vertical & probo  
Ainda ontem  
antes do meio-dia

O vento punha velas na viola desde homem  
Hoje!

A viola  
De tal dor é sumarenta  
E projecta  
sobre as almas  
a seiva  
De uma árvore imensa  
Oh oceanos! que ladram à boca das tabernas  
Se o sangue desde homem  
é tambor do coração da ilha  
O coração desde homem  
é corda no violão do mundo  
E os joelhos  
rodas que vão! hélices que sobem  
com ilhas no interior

III  
Sobre a colina Rosto sobre o povoado  
Quando  
pastor & gado jogam à cabra-cega  
E chifras de sol  
projectam  
cidadelas no ocidente  
O poeta galopa a maré alta  
E ergue  
"À taça da noite"  
Sobre as tēmporas desde homem

Oh noite verde! oh noite violada  
Que a noite não apague  
A memória das cicatrizes  
E cicatrizes de ontem  
Sejam  
Sementes de hoje  
Para sementeira E floresta de amanhã

Como Noé  
As espécies conhecem  
a sílaba E a substância desde homem  
Não há milho que não ame o umbigo deste homem  
Não há raiz  
Que não rasgue a carne deste homem  
E na fome pública deste homem  
Cresce  
a ave no voo E a gema na casca  
Cresce  
O cabo da enxada E a cintura da terra  
Cresce  
a porta do sol E o alfabeto da porta verde  
Não há fonte  
Que não beba da frente de tal homem  
Que  
A erecção desde homem é redonda  
E tem o peso da terra grávida

## Mulher

I  
Aurora que nasce  
Do carvão da vida  
Como flor vermelha no tambor da alma  
Arco-íris Que vibra  
No sangue do dragoeiro  
A folha E o rosto  
A face E a lâmina  
Da manhã plena  
Assim força  
Assim fome de ser dia  
E fonte de ser diálogo

\*

Há quem diga  
Que o peito da mulher é a pedra mais dura  
Que Deus pôs sobre a terra dos homens  
Que terra? Que homens?  
Mas  
Um pouco de céu e de azul dirá  
Que nos seios dela  
A Via Láctea bebe o sol da força plena

II

Mulher! é na palma  
palma da tua mão  
Que explode a Estrela na manhã  
Quando a aurora  
bate  
à porta da ilha  
com a flor do teu osso

E do caos da vida! quando....  
O umbigo do dia é deserto longo  
E a areia do teu corpo  
viaja  
pela boca marítima do meu regresso  
Como é belo! bela  
A frescura do teu rosto  
Abrindo oásis  
Na cratera da minha alma  
"Em sombra acesa"

\*

E diz o pilão à mó de pedra  
Ó ave de amor! mar & Maria  
Entre o mar E o arquipélago  
Há  
esta rocha de mulher

A pele da tua ilha E a prana da tua pátria  
E

Se a saudade das mães  
Abre  
portas de mar no sal da cozinha  
Abalroam o útero da ilha  
A proa E os mastros  
Dos filhos vagabundos

III

Versículo! muito há de novo  
Debaixo  
da roda do sol  
Se no espelho da tua roda  
O rosto da ilha é um sorriso de mulher

\*

Há quem diga  
Que entre caos E o crime  
Há sempre um corpo de mulher  
Mas  
o poema E a prosa dirão....  
Se o homem leva ao sol um sonho  
de dentro  
A mulher traz a eternidade no rosto  
Isto é  
Se o pai é o poder da impotência  
O útero da mulher é maior que o universo

**Tempo de ser ovo  
ovo de ser tempo**

I  
Deixa a tua toga  
sobre Comarca de Mafra  
E vem!  
De lâmpada acesa pelo peito da Cabá Fume  
Vem!  
Pelo tambor que sacode  
o arquipélago Entre a multidão  
E une  
o porto da ilha  
E as coxas da minha mãe  
Às festas de São João  
Vem! E abre  
o mundo do teu olho  
sobre a chama marítima  
Que "Andros Pátria"  
ergueu  
sobre as nossas águas  
Vem!  
Pelo sangue da viola  
Que se vestiu de guerra  
E pela vagem da terra  
Que a paz sazou  
O Capitão te aguarda

De bandeira a bombordo  
E a fome de Ambrósio É pão sobre o forno

II  
Vem! E darás  
Ao carvão do meu peito  
o fogo da tua ilha  
Vem! pelo arco da tua cratera  
Que roda  
cicatrices da rua em rua  
Que  
Na noite da tua promessa  
Há palavras sem dentes  
com telhas ao vento  
Palavras  
que choviam por dentro  
E inundavam de estrelas  
o chão das barracas  
As crianças Que projectam  
bibliotecas  
sobre o «Ilhéu da Contenda»  
Fala (va) m de ti  
não  
como lava fria  
Mas  
entre a sombra E o sol que sangra  
Há transfusões  
Que aguardam pela tua mão de semear  
Vem! pelo relâmpago

Que funde a árvore  
nas nossas entranhas  
E darei ao teu rosto  
os olhos da minha pátria

III

Vem! pelo parto  
noturno da tua dor  
Que desde ontem  
Caranguejos de Craca  
devoram  
A pedra neurótica daquela infância  
Vem! pelo umbigo  
Do batuque da Várzea  
Vem! pelo sol da manhã  
Que rola  
Como um feto  
pelo ventre da revolução  
Vem... não de visita  
pelo olho vestido da Agência  
E nem quebras o remo da ilha  
Entre  
A rosa do vento E a roda do mundo  
É órfão  
o folk complexo da tal epístola  
Vem! pelo mar da tua boca  
E pela chama olímpica da tua saliva

Que da síndrome de Varela  
Ao leão daquela farmácia  
Há trauma  
no crânio de Notcha  
E dentes cariados nas rochas da ilha  
Vem! simples & redondo  
pelo sol pela gema  
E pela dor do ovo  
Que o povo fecundou  
As colinas aguardam pela mão  
o gomo da tua herança  
E pelo ventre de Bia  
A cimboa  
dará  
terra  
terra nua  
terra virgem  
A árvore da tua parábola

IV

Oh filhos da ilha  
Que  
por Roma & Romênia<sup>?</sup>  
Oh filhos da terra  
Que vão  
De pé nu sobre a península  
No poço do espírito  
há colónia de tantos séculos



E tal livro é rosto  
no poço da colónia

E tal Europa é noite  
na colónia dos sonhos

E do ilhéu que foi ao "eu"  
do eu-ropéu que ficou  
E do tambor que fora ao "or"  
Do New York que restou

A corola da terra  
fala  
daquela saliva

E o umbigo da ilha  
pergunta  
sol a sol

Por tal regato que era ao "se"  
Da segura que sobrou

V  
Oh poços da terra  
Que se rasgam  
nas artérias dos homens

Oh diáspora de vela grande  
Bem! na hora de boas' hora  
Quando a ilha sonha  
E a chuva invade o sono das crianças

E o mar pelo olho que dormia  
Ergue

O oceano do rosto sobre as ondas  
E vem pela

Pela calema: calema alta  
"beijar a face virgem das palmeiras"  
E mar & deserto

Danças & bailam  
sobre a ilha

A pedra de tal lume E o sol de tal gema  
Isto é

Vem pelo arco-íris  
Antes da chuva

Quando a enxada é sonho  
na glória dos homens

E a semente é pó  
na memória da ilha

Oh frescura  
de ser mãos Entre mãos

Que levedam  
no rosto da terra

O "pão da liberta"  
Oh frescor  
de ser seiva Entre veias

Que tecem  
No ventre da ilha

O útero de tal rosto  
Vem!

Pelo músculo da Azânia  
E tambor da Namíbia  
Vem! pela lâmina  
que vibra a alma de Zimbabwé  
E pólvora do ovo de Luanda liberta  
Vem!  
Pelo inverno de mão cáustica  
E veia técnica d'Europa  
E se contornas suando os rios de Sudão  
Trarás no sangue o ritmo  
De Karthoun Karthoun  
Vem!  
Pela estrela que cresce sobre o rosto de Eritreia  
E pela roda que sangra o olho de Rovuma  
Vem E vem  
Pelo corno d'Africa E pelo crânio da ilha  
Que raízes da terra  
brotam  
do suor da revolta  
Vem!  
E ergue a tua árvore  
Aqui!  
À porta da cabana  
onde  
A lança do teu pai é soberana

## Bom dia! António Nunes

António! Sob o olho do carvão dos séculos  
Há sons & aves de solidão  
Que ano a ano  
Burilam o coração da ilha  
Como o dia E o diamante  
E do carvão do corpo  
E do carvão dos séculos nasce a Estrela da Manhã  
  
Aqui! entre as rochas do teu pai....  
E os vales da tua mãe  
Grávido  
o ventre da ilha  
Já empurra  
A roda do mundo Entre dois pólos  
Então  
António vem & dança como ovo na praça pública  
António vem  
Pela casca & gema do primeiro comício  
Vem & abraça  
O rosto do sol que nasce do poema da vertigem

\*

É teu António! o umbigo do mundo  
Onde

a força do teu suor deságua  
É da ilha! o cristal do tempo

E o sangue  
    Que inunda  
As salinas da alma: tua & nossa  
António é ilha pela raiz que flutua  
António é espiga nas bandeiras  
Que povoam de verde  
    o vermelho  
    Do monte E da montanha

E

Se António respira a ilha  
    respira o diálogo  
No remoinho dos três mundos  
O céu  
O arquipélago é tão de dentro  
Que as estrelas  
    deixam  
    cicatrices na pele  
Que importa! São outras tantas sementes  
António é semente: raiz & relâmpago  
Tambor de som  
    Que floresce  
A cabeça calva de Deus

## Tempo de amar

I  
*AVE DE AMOR*

Quando a ilha dorme  
O espírito é esta transparência  
com que Deus cobre  
    A nudez da sua amada

II  
*MAR & MARIA*

Amo o istmo da vida que teu pulso concita  
E quando por ti! cava & jugula  
Milhões de artérias no desespero do teu nome  
Escrevo na fronte  
A clave de sol do teu sangue  
    E danço  
A ilha da tua nudez  
Como uma gota de Tróia nos meus calcanhares

\*

A poesia é viola na prosa dos dias  
E envelhece a pedra  
    Que não quebre  
O espelho da noite Que dança

Sobre a ilha  
A lua nova do teu mênstruo  
E pela noite! a tua ilha esvoaça  
Como um pássaro drogado  
Entre os teus cabelos

\*

E de repente  
Com a força que o sol ama a leoa da Babilónia  
Ofereço-me pelo rosto  
Como o rio à sua foz  
Então  
A cabeça rola como um espelho entre dois mundos  
E a alma flecte os joelhos  
sobre a terra  
Como um hieróglifo entre dois rios  
Que dança  
o exercício de uma escrita milenária

III

### **CANTIGA DE AMIGO**

Amor! entre o dia e a diáspora  
brame a palma das palmeiras que o vento abraça

Ó minha taça de namoro  
Que traz e leva  
o sonho! a seiva  
A raiz do dragoeira

A ilha sem ti! minha vida  
É este Sol pelo lençol da noite  
Que se devora  
É esta onda que vai de mim  
Para o mar da sua carícia  
Que é minha

É esta febre que canta  
No arco-íris da carne Que sangra  
A montanha roída dos dentes  
Os pássaros que dançam o pôr do Sol  
Na Estrela da Praça da tua espera  
Dançam e morrem  
Para nascer E dançar de novo...  
E antes que venhas  
Do gelo & fogo das artérias de todo o mundo  
Já te sinto! aqui  
Como um coração que bate a porta da sua morada

Mas vem! pelos afluentes de ti  
pela nascente & nascestes  
Do teu corpo inteiro  
E inunda-me! meu território  
Que  
Enquanto lavro semeio e milito  
Ano a ano perco o meu amado  
Entre os olhos da multidão  
E o deserto abre o meu rosto  
Duas portas de silêncio

E

Peregrina de mim! peregrino de ti  
Pelo corpo  
Pelos dunas da tua ausência  
Que o deserto de cada dia  
Me dê hoje  
o oásis da tua boca

### **Mestiço: mestiça**

Sol & carvão que unem  
O corpo e a alma da labareda  
ou

Febre que canta no arco-íris  
Da carne Que sangra  
A guerra & paz de todos os sonhos

Pilão & mó de pedra  
Que rompe o caos da secura dos séculos  
ou

Parábola do amor que dança  
Entre o verbo E o apocalipse

Árvore & tambor numa viola madura  
ou

Violão & viola que unem  
As mãos e os pés que gotejam  
Pelo arquipélago dos deuses  
o trovão & relâmpago de Banta Bárbara

## A lestada de lés a lés

I

Dos músculos do mar a mar  
    À pedra larga da água  
Somos  
    Dez rostos de terra crua  
    E uma pátria de pouco pão  
E não há deserto  
    não há ilha nem poço  
    Que não vença  
Pelo olho vítreo da cabra  
    A lestada de lés a lés  
Que ontem devolvendo  
    devolvemos hoje  
Ao esqueleto verde da história  
A carne e a cruz  
    do "flagelo"  
    flagelado que fomos  
    Aqui! Onde  
A seca é arma E a fome! desafio  
A ilha é vida E a segura! vivência  
Amor! que a chuva traga  
    A bandeira branca  
Da nossa guerra Entre céu & terra  
E

Mesmo que o céu não chova  
E o Sol e a Lua  
    sejam  
    cordas partidas no violão da ilha  
Mesmo que a chuva seja esta noiva de usura  
Este umbigo  
Esta carola de ausência  
    Entre a rocha e rosto  
Mesmo  
    Que o vento  
    vergue  
    No eixo da terra E nos mastros da alma  
Os ossos & séculos de sangue & segura  
Mesmo sendo! Já não somos  
    Os flagelados do vento leste

II

Que o digam  
As colinas de labor Que de longe  
Tropeçam  
    nos membros  
    das sementes vagabundas  
Que o digam  
Os braços do povo no povoado  
E os tambores de pão  
    de pedra & pólen

Que sangram  
No pulso das mulheres que juram:

Que de fome! a fome não morra  
E não morra jamais  
No espantalho da sua cruz solarenga  
Entre o osso de pão  
E o esqueleto das padarias  
Então!  
Os joelhos E cotovelos da ilha  
Esculpiram  
No crânio dos homens! para nunca  
A flor carnívora das miragens longínquas  
E os portos beberam pela proa  
A traça  
Dos navios fantasmas  
Daquela tragédia sem âncora  
E sendo! somos  
"Um povo de pé sobre a pedra do drama"  
Aqui! onde  
A acção escreve sobre o pensamento  
Modelando a rocha E o rosto  
Deste cabo  
Deste teatro  
verde de vida

III  
Éramos o ontem E o hoje  
A letra viva

do alfabeto verde do nosso percurso  
Aqui! da lestada onde  
Os vales libertam das grades do vento  
cavalos de tanta luz  
Aqui! onde cresce crescem  
A goela do monte E os membros da montanha  
As árvores do dia E os tambores do diálogo  
"Que trazem no sangue  
A cifra de Amílcar"  
E levam  
pela batuta de sol a sol  
O som da ilha À orquestra do mundo...  
Aqui! onde  
A seca é arma E a fome! desafio  
A ilha é vida E segura! vivência  
E alta  
negra! a estrela traga  
A bandeira branca  
Da nossa guerra  
Entre céu & terra

## Prólogo & Proposição



## Sílaba & Substância

Ó tempo de sumeâ na morna k'sementera na funaná  
Tempo da paz que galopa a guerra dos cereais  
Este é o modo

E a dor do ser templo  
pelo tambor da terra prenhe

Mas! o tempo oco de paz  
tempo oco de guerra  
Pelo núcleo & átomo Do corpo da boca zero

E tempo de ouvir crescer a Sudoeste  
A árvore de Namíbia  
Com sabor de África  
E o sangue do tímpano  
no sul da língua

Tempo da nova semântica E da nova espera  
E do tambor que cresce  
Da estrela negra & vermelha de P.A.L.O.P.

Tempo de maior luta E da menor lâmina  
Que reflecte  
luz & pombo no olho de Talião  
Ó tempo de nascer! amado E envelhecer! amando

## ARS POETICA

Se toda a vogal  
é olho de pólvora E célula  
de pão acesa

Se toda a consoante  
é a viola de sangue que amadurece

Abrupto pela cintura  
E cai

longa  
da tua árvore oca  
para o lábio oco do mundo  
E

Se toda a sílaba  
é ponte

Entre árvore E o drama  
ou  
dilema

entre a fome E a fruta

Tu não és – poema! o sal da terra  
Nem a poesia é teu salário! poeta

## Golpe de Estado no Paraíso

I

Na História! Na Bíblia da nossa terra  
Se a rocha é página! a pedra é sílaba  
Se o corpo é caneta! O coração é tinta

Nem todos os desertos do mundo  
    Secarão as fontes e os poços que as nossas  
bocas abrirem  
Nem trovões nem relâmpagos rasgarão  
    As páginas que o nosso corpo escreveu  
Na morada da nossa morabeza  
    Todo o Diabo perderá o seu inferno  
E todo o navio perderá a sua bússola  
    No coração da nossa bonança

II

Se o mundo é um jogo  
    no dribling da sua jogada  
O mar e céu são a relva nos pés  
    Do nosso arquipélago  
E o sol é a bola  
    na baliza da nossa fortuna  
Se o mundo é um polvo  
    na pólvora da sua guerra

A O.N.U. é a pedra  
    no tabuleiro do nosso orim  
E a semente do povo é a paz  
    na viola a nossa sementeira

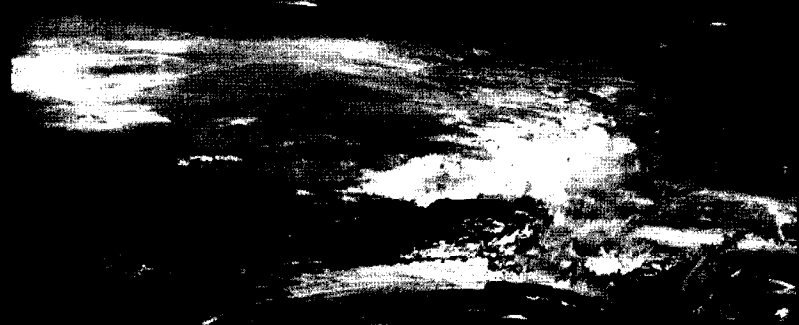
\*

Soamos e esforçamo-nos  
Com a ilha no sangue E a baleia no coração  
Soamos verde esforçamo-nos vermelho  
Embaixo  
Em cima dos montes  
    Movemos montanhas  
Com cordas amarradas nas veias  
E as veias amarradas à alma  
Para que a estrela no céu  
    ganhem  
    a força do milho assado

III

Rochas escreveram no céu  
E trovões e relâmpagos  
    Escreveram na boca do povo  
Se a O.N.U. escolher Cabo Verde como uma vela  
O mundo  
    não dormirá às escuras  
E de sol a sol  
    pedimos a Deus  
Que não nos ajude a unir estes dez pedaços

Porque se unidos: amalgamados  
Com ossos com ossos rochas com rochas  
Estes dez pedaços  
Daríamos  
Um golpe de Estado no Paraíso



## Oráculo

Quando o arquipélago aperta  
    perto! longe  
A mão dos continentes

Quando a ilha rasga no deserto  
    Uma cicatriz de pedra  
Jamais o crânio de sol! no mastro da solidão...  
Uma pedra no deserto + um dragoeiro  
Um anjo da guarda! no útero da paisagem

Não! na ilha

Toda a palavra é útero de sete pedras

E

Toda a pedra é um poeta bissexto  
Leva quatro anos de pudor  
E quarenta & tantos de paixão  
Para inundar o deserto da estiagem  
Com o dilúvio de chama que bebe  
Nas crateras do jazz & batuque da esperança

## Canto Primeiro

Sol & Substância



## A cesariana dos três continentes

Antes

da moeda do corpo Ao capital da arma

Antes da luz

No mar de memória

E da pedra & vento na erosão do rosto

Éramos no verão da terra

A semente sem primavera

Éramos a exclamação

Do lon na lonjura

Dando

Pernas aos montes E braços às montanhas

Dando face & sentido

Às dunas do mar alto

Que respiram

as cochas

os seios

o sexo de Sahel

Lembro-me de ti! na África do teu ventre

Interrogando-se

sobre o istmo + a

proa do nosso destino

Quando polos e penínsulas de maremoto

Rasgaram & rasgavam

No vórtice da vida! na fratura da terra

A cesariana dos três continentes

Ficamos umbigos de pedra

Em rodopio

Entre a pele e o osso das estações

Ficamos então ilha + ilha

sobre o vento

Pelo arquipélago da evasão

\*

Assim! foi a pronúncia

Antes & depois do 1º dia + a

Erosão da crônica

Na boca da "Rotcha Scribida"

## "Rotcha Scribida"

Ó pirâmide de vigília  
    Filha! mãe! irmã gémea da ilha?  
Ó catedral de mil rostos  
Ó rosto de mil lábios  
    na tua crônica de milênio  
        na tua letra & sílaba  
        da palavra inamovível  
Ó corpulência & sonho  
    Surdo? mudo?  
Na tua nudez de mutante  
Ó bíblia de murmúrio  
    na tua semântica  
De sal! sangue & paradoxo  
Ó universo de mil sons  
    Que circulam  
Pela maternidade  
Do versículo que nos une  
    Na tua chama  
    Na tua lava  
        No teu tambor inenarrável

## A cabana oca dos vocábulos

I  
Agosto arranca as âncoras do deserto  
Despondo-as  
    Às portas do povoado  
Setembro cresce ossos & ventre  
E da barriga de Outubro  
    ouvia-se  
O crocitar das sementes da erosão  
  
Aqueles que sem embargos do sétimo dia  
Partem do umbigo das três ribeiras  
Trazem no enlaço dos destinos  
A cana-de-açúcar como oxiúros  
  
Quem não ama? os navios loucos da minha aldeia  
Abalroam na planura! nos baixios  
    Os casebres da vizinhança  
À procura de mastro & oceanos no olho das salinas

\*

Meio-dia! Deus & demônio  
Habitaram! desalojaram estas paragens  
Há pegadas de baleias

na aurora & osso  
Dos caminhos & pescadores que partiram

\*

Voam corvos da boca à boquinha da noite

Entre rochas! parecem elétricas as lagartixas  
Se estendem goelas

“Às nascentes de água nua”

Perto! o poente cinge a cintura da ilha

Assim! saia rosa

rosada

de renda & marulho

E assim! nascemos indo

Adultos da mesma infância

Adolescentes da mesma velhice

Isto é

A criança que vai no colo da minha avó

Traz na geografia do rosto

A idade da paisagem

Por vezes! as ilhas são crianças

Que fogem para dentro dos búzios

Até que a letra e a música do trovador

Lhes franqueie

“O cântico da manhã futura”

II

Grutas versus grito! goela versus granito

Amor! da baixa à maré alta

Nem sempre os continentes devolvem

O eco

das nossas ilhas de ouvir

Longe! as ondas

alçam & zombam

As ilhas que menos viajam

São as que mais partem

Partindo

Do(s) escombros dos aeródromos

E da ruína

Dos pontões de pedra a caminho dos escolhos

São viagens que sobrevivem

A solarenga insônia dos naufrágios

\*

Assim foi! Antes & depois do 3º dia

A semântica do silêncio + o itinerário

Da cabana oca de vocábulos

## Dragoeiro

Ó catedral & proa de mil âncoras  
ó árvore de mil tambores

Da rocha ao rosto que me deste  
Do rosto à raiz que te dou  
Florescem no teu tronco

O crânio de Deus + o fogo do povo  
Que nos abraça! como  
Se o arquipélago já não fosse  
A tua Ordem  
E as ilhas + ilhéus! A tua Regra

\*

Ó nascente & poente de tanto amor  
Ó amor de minutos & amantes de milênios

Neste século! ano & dia do Senhor  
As trompas cicatrizaram! pelas salinas do orgasmo  
A dor & paixão das 417.000 cabeças ressurectas  
E pelo teu ventre rodopiam  
As hélices da diáspora + o  
Pólen da nação que nos festeja  
Como! Se no teu útero

A morna! já não fosse  
O mar da nossa memória

\*

Dragoeiro! Até o oceano + as  
Crianças nos teus braços De amar  
Aplaude! Aplaudem  
Com palmas de maré alta  
Com palmas de maré baixa  
O batuque que evolva do teu cachimbo de paz  
Até as crianças E as ribeiras

De mãos dadas pelos continentes  
Em redor

Tecem a tua flora

Com risos de linho branco

Até Bia & Piduca arrastaram  
o atlântico o índico o pacífico  
para as portas abertas do teu lenho & seiva + o  
tumulto das estações & sopro de pedra verde

Que fecundem o teu

tronco

semanas & séculos de

guarda-cabeça

Dragoeiro! das pernas do vale à face da montanha  
As crateras modelaram

Teus portes



De porta-bandeira  
Entre o céu E a terra  
Como se o teu umbigo Do mundo largo  
Já não fosse! o cálice  
De sol & substância  
No vulcão da vida

**Uma espiga de milho  
na boca do parlamento**

*(Antes & depois de Abilo Duarte)*

Com  
o alfabeto de Sahel na boca da Rotcha Scribida  
o poema encontrará na prosa o habeas corpus

Mas

Com  
a gula de Ti Lobo & astúcia de Ti Pedro + a dor  
dos muros de silêncio nos cornos de Bulimundo

Com  
a guerra & paz de todos os sufrágio + as  
as cabras que ruminam os 12 signos de Zodíaco

Com  
a espiga e coágulo de pedra & sangue  
Que flutua entre duas bandeiras

Com  
o símbolo dos 500 anos + a cifra dos 500 contos

Com  
a glória dos dragoeiros  
que florescem no coração da diáspora

Com

as fábulas de ribêra riba ribêra Boxe + as  
parábolas de fortuna & amem  
alumbradas  
nas 10 mil línguas d'África ouvida

Com

as 365 costelas da maré rasa + as  
crateras & colmo  
das almas que cintilam  
o fogo verde da terra  
construímos! ano & dia  
os membros o tronco a cabeça do Parlamento

## A mó de pedra na memória do parlamento

I

Abílio! hoje  
A minha palavra é de pedra  
E o teu silêncio! de terra  
E se rompe no solo o ovo o voo a violência  
A violência da minha ilha  
Tem corpo de viola & rosto de sedução  
Que da viola à violência  
Há um rio de rostos que rilham  
E arrancam a rocha pela raiz  
obnubilando o passado?  
obliterando o futuro?

E se o presente se conjuga

Numa gaiola de paixão & ódio

Não há itinerário

que resista

À colisão na precocidade

Abílio! que o ontem me acuse

E o amanhã me condene

a dor nos advogue

a cicatriz nos absolva

Se a ilha der ao sol  
o olho negro do teu soco

II

Mas quando no parlamento  
A alma é bronze no tambor da erosão  
Os passos devoram a sombra das coisas  
As coisas devoram a sombra das pessoas  
Só o pênis das crianças! como península  
Assinala aos faluchos de pó  
o arquipélago dos pontos cardeais

E para que o vento! no monólogo das portas  
não privatize a (des)esperança  
Dos pés! das mãos dos presos  
evadem-se as prisões

III

Quando no parlamento! a alma  
é pilão & querela no tambor da erosão  
"A cabeça das estátuas pensa em repartir-se"  
As fotos fogem dos passaportes  
como cheques sem cobertura  
E estilhaçam perto do longe  
A fronteira dos olhos

As casas saltam dos alicerces  
De portas e janelas desavindas  
E vão comboio de manobra  
Em desvario

E para que o poema  
Encontre na prosa o habeas corpus  
E a espiga não aborte  
no grão o sal da terra  
Dos pulsos! das mãos dos presos  
Evadiam-se as prisões

\*

Assim foi na manhã & tarde  
a viola e a violência no 5º dia  
mas... antes da noite  
Os desígnios do pilão + os sortilégios  
de mó de pedra  
sufragavam  
na boca adulta do pão da  
caldeira  
a dor do milho na fécula

## Tradição

Ó pedra de amor! ó pedra de amigo  
Vieram pela proa & onda  
De cinco séculos de mágoa  
Vieram pela cruz & espada  
Da boa esperança  
Fizeram aguada! entre  
paz & pavor! amor & pólvora  
E de abandono! deixaram  
A ferrugem De uma bala  
No coração verde de Amílcar

Ainda ontem! as carpideiras + os pedregulhos do coração  
Que amam a face dos continentes longínquos  
Cicatrizavam a história  
com o sal da memória + o  
sangue da argila + a  
seiva dos gafanhotos

\*

Ó portões & pelourinhos da cidadela  
Aqui! esculpíram nos teus ossos

a cátedra Da cathedral  
Sem a cruz de cinza  
no cristal dos olhos  
Sem bordões de beca  
laços de toga  
E nós da justiça

E quão exígua era a lâmpada de milho  
Menor era o reduto sitiado da alma

Tradição! pelo carvão dos músculos  
E seios de substância  
Saciaste – osso & proa! mar & Maria  
A fome do norte! a sede do sul  
de europas e as américas fraternas  
Enquanto! sóis & século  
Crucificavam a África  
Na tua carne de Cristo  
E pelo arame pedrento das ribeiras  
E pela nervura geométrica  
do monte E da montanha  
Deixaram! de abandono  
a cabeça calva de Deus

\*

Amor! pela sintaxe dos sexos

E

pelo útero-trágico-marítimo-da-língua  
Reessoam passos Dos cinco arquipélagos  
Que fecundam a semântica do continente errante + as  
Sílabas & morfemas  
Que nos chamam – pela via consanguínea!

E

Pelas negras chancelarias de Jó  
Renascem auroras & rictos  
De germinações mestiças...  
É Barbara – que por amor! liberta  
As cinco quinas de Camões

Versículo! se a pólvora da República  
Te agrilhoa  
No seu gatilho de guerra & paz  
E amordaça os mutilados  
Do tempo & modo  
Há sempre! aquém & além  
o verso que nos une  
E o universo que nos multiplica

\*

Tradição! se erraste  
Entre a fíbula E a parábola  
E o sol das vogais + a  
substância dos ditongos  
Ainda! sangram

No cesto das mil ressacas...

Traga o sol da fala  
E a substância errante  
Para a boca plúrima  
Das ribeiras da vida...  
Que dragoeiros já florescem  
Pela raiz & crânio do teu percurso

**Na morna! Na mazurca  
o trompete da evasão**

I

O trompete chegava  
Assim! farto de fome & faminto de fartura  
Aos quatro mercados do dia  
De palha & peixe De roupa & verdura

Houve sempre esta demanda  
entre o milho e o feijão  
Que na ilha  
As maternidades são úteros que emigram  
E nos olhos da criança nasce  
cresce  
o elogio da evasão

Rosto! se evadires antes  
Os membros emigrarão depois  
Do poço! as mãos do êxodo  
Da vida! os pés errantes  
E se na ida! a memória  
Das lavas nos ilumina  
As falésias abrirão crânios adentro  
O sino de quantas paróquias

Emigrante! aquele  
que leva no estômago  
Uma ribeira de pedras soltas...  
Ribeira que morre antes  
para nascer depois

Entre  
a ereção do Monte Cara  
E  
as pernas de Pico d'Antonia

Todo emigrante é um coreógrafo  
Que leva na ópera de metal & osso  
Os acrobatas de "Pedra Rolada"  
E sendo arquiteto! toda a mão que emigra  
A ilha é telha! cada vez mais  
telha  
no teto do mundo

II

Não! o trompete diria

Quando somos vulcão em viagem  
O céu abre as nossas cabeças  
a flor de tantas crateras...

Se o mar  
no fogo das artérias é terra arável

Isto é

Do vulcão! nasce o rosto  
Da erosão! nasce o homem

E mais que primo & primas  
Menos que gémeo & gémeas  
Rebeldes! a órbita e o mundo crescem  
Na raiz do labor que perdura  
Entre a dor e diástole da canção do mar

Mensageira! da renovada parábola  
para a Liberdade das estátuas

Para as mãos de Cristo no Corcovado  
E para as rugas do Monte Cara  
Que pesa & sopesa  
a nudez da montanha no ombro de Bia + a  
pedra verde mito  
Na gramática do silêncio  
Na sua cratera oca de vocábulos

III

Ó lestada de ser homem E mulher do harmatão  
Ó rapsódia dos ventos d'aquém & além  
Ventos que balançam o "erg" do equinócio  
Quebrando a tibia e a matriz dos dedos  
Na morabeza da moção atlântica

Se

a erosão é fogo no motor da evasão  
A morna! o finançom nos conduz  
ao frigorífico da cultura  
das terras do fim do mundo

À guerra da pobreza  
No metrônomo do batuque

E ao dente de ouro da tabanca  
No mênstruo das salinas

À coladeira & funaná  
na erupção do funacol

E ao rondó que renova o passo  
como quem baila o landum

E ao kolá kolá  
da morança e da melancolia  
que salte & bate  
bate & une

As coxas d'África às ancas da Macaronésia

E dão  
o grão a hóstia o jazz  
Da (s) nossa (s) genealogia (s)

E dançam & tecem  
na virilha dos continentes  
o seu pano inconsútil

E constroem  
a catedral do ego  
com  
a ressaca das raízes abruptas

IV

Seferis! para que o Outono se reconheça  
Na primavera do retorno  
Cabo Verde viaja! viaja sempre  
Pelo umbigo & ventre da sua proa  
Redonda! que

Toda a lava que emigra  
pela ribeira da vida

Toda a erupção que evade  
do vulcão da vida

Regressa! regressam antes da partida

\*

Assim foi

Antes & depois do 7º dia

A erupção de sol & substância  
Que vai solta

Nas sementes & árvores

Das ribeiras

que vão & vêm

Assim

fartas de fome & famintas de fartura

## Canto Segundo

Vulcão & Vinho  
do próximo Verão





*Litografias para as festas  
de São Filipe*  
Segundo Manuel Figueira  
e Luísa Queirós Figueira



## Segunda-feira

Orquestrando a corrida  
Vinham cavalos! fazendo  
desfazendo nós  
Com tiques de nobre  
maneios de crinas & volteios de cauda  
Vinham! pelo som  
que perde na música que perdura  
Magoando  
violas violões violinos  
Entre  
o peso das lavas E a leveza das patas

E atrás da banda! À frente da bandeira  
Parlamentavam os cavalos  
E só depois os cavaleiros  
E os festeiros  
Abriam no coração da ilha  
"O vulcão da festa que se festeja"

## Terça-feira

Frémido & vertigem  
Com os olhos no relógio das patas  
Os vales correm ao lado dos cavalos  
que partindo! partiram  
Ganhará este? não! nem aquele  
Mas o último... o penúltimo  
Que lançou a alma  
como um dardo  
como um relâmpago  
sobre o negrume das lavas  
E vem aquém! além do vento  
Ultrapassando  
o pó de barlavento E a poalha de sotavento  
E explode na poeira do povo  
Atravessando  
a fronteira dos olhos  
Entre  
a luz das lavas E a sombra das patas

E ouvindo! vimos  
pela nobreza da água que olha...  
Materna no seu culto  
A ovação do potro sobre o monte  
A coreografia do alazão sobre a montanha

## Quarta-feira

Dos olhos do meio-dia  
A procissão descia húmida de fé  
E querendo! os jardins da cidade queriam  
Acordar com a flor de fogo  
O rosto do vulcão que ressona

De sobrado em sobrado  
Oscilam andores pelo ombro das ruas  
Que vêm

    Com passos de rondó  
Tropeçando nos pés da tradição  
E sobre os coros

    Que reagem  
    À celebração da palavra  
Os pilões engordam com segredos  
    A litania política dos tambores

De joelhos! as crateras como viúvas  
Persignavam a sua oração de vela branca

    E  
No adro da igreja! leigos licitam  
O porta-bandeira da festa do próximo Maio

## Quinta-feira

São fogos de artifício! as crianças  
    Quando brincam  
Entre as órbitas dos vulcões  
Entre os olhos das crateras extintas

E inúmeras! como formigas  
De morro a morro  
    arrostam

    por joelhos & tornozelos da ilha

Este eclipse de sol  
Que devolve

    Ao cromo das pedras  
    o som a seiva das portas & janelas abertas  
E projecta  
    no horizonte da alma  
    um arco-íris para cada rosto...

E a diáspora dançou a mensagem do mar...

Do débito ao crédito

    Da abertura  
A generosidade é grande E a maturidade! maior

## Sexta-feira

Se no poema! antes & depois da prosa  
Se na viola! as cordas  
    detêm a memória da ilha  
Lembrar-nos-emos! dele & dela  
Donzela  
    que veio de Manhattan  
    para ser fogo de mulher  
Não! veio de alma aberta à lava das suas raízes  
Ele! nação & raça  
    letra & música de Ana Procópio  
Namora & nega  
    navegar pela proa  
    Do navio de matrimónio...

Mas que fazer? quando a ilha  
Dialoga dois corpos que dança (m)  
    pés de coladeira  
E tremores de funacol  
Então! Titina  
    alvitra na sua seiva melódica  
Que faço? que farei com a morna  
"Deixá-la dormir! nas mãos  
    do noivo e da noiva"  
Que a madrugada! saberá  
    Erguer o colosso de B.Léza  
    Entre o ar e o pé do arquipélago

## Sábado

Perto da vida! longe da erosão  
Os vales estão sempre a distância de duas violas  
Da música ouvida! Entre o mar e a melodia  
  
E ao redor da montanha! os montes em rodopio  
Éramos também a roda + a gaita de Minó-de-Mamá  
  
E de festa em festa! De folgado em folgado  
A noite de corpo & alma  
Era irmã gémea  
    De sábado & sabura  
  
E enquanto! saboreávamos  
    A uva do vinho do próximo verão  
Os foguetes da diáspora  
Ofereciam a cada rosto  
    Um pedaço de céu para amar

## Domingo

Quando por fim! a festa era só  
Sono do soldado no sobrado + balir da cabra no telhado  
Sol & vulcão erguem-se  
    com umbigos & crateras  
    com tatuagens & cicatrizes  
Assim! paranoia abstracta na sua pedra de pintura  
E lavra  
    O seu protesto E o seu retrato  
Que vai! que vem  
Da velhice de nascença ao poente de infância...  
E diz  
    o olho da cabra sobre o olho da terra  
Como é belo o fogo! da flor da secura

*Gosto de ser a palavra na prosa  
de Aurélio Gonçalves*



## Prólogo

Gosto de ser a palavra na prosa de Aurélio Gonçalves.  
E gostas! Amor,  
de ser o pé-de-vento, rosto e pêndulo,  
Nos membros que movem na multidão o movimento:  
a multidão  
Que converge  
    rugas & raízes  
    sonhos & cicatrizes  
                                para o lugar da ilha! onde  
se festeja! onde se questiona  
    a lapidação das ideias  
    a germinação dos propósitos

## I O peso da sombra

Da prosa! A multidão saía & entrava: pela porta que as  
personagens abriam na fome das palavras

Do texto vinha esta febre e aquele fervor

Já ninguém sabia por que mares navegavam a pele, os rins,  
os pulmões do arquipélago. Da ilha? ninguém sabia: se a  
boca e as narinas ficavam, dentro ou fora, da diáspora.

E na coraçõ de tude fiel cristõ vida tava que nem Sonte  
quebrode n'altar.

\*

Do útero da justiça, nasciam, pedra a pedra, as  
instituições que os aplausos desmoronavam

Os transeuntes viram:

A alta intensidade da mão de obra trazendo pelos cabelos  
o esqueleto dos preços que esmagava o pelourinho da vida  
no tomate da alma.

Então as cidadelas e os povoados, grávidos de  
símbolos vários & bandeiras múltiplas, agarravam os  
aplausos da multidão e esculpiam no crânio das

personagens

a geografia do destino  
para além dos meridianos da vida e da morte

II

## Crianças na rua

As crianças saltavam para fora das sílabas, como se a palavra fosse, no deserto de vivências, o manicómio de orgulho. Soltas. Afastam-se do sino das paróquias E não cabem nas catedrais.

Se movem: iluminam estradas e caminhos vicinais, por onde a carestia dos portos e dos aeródromos reclama, em correria, a propriedade da hélice das suas vidas.

Jogam à cabra-cega com a força da gravidade, que lhes ensina o itinerário de cada dia pelos caracteres gravados no rosto das coisas esquecidas

Delas fogem polícias e epidemias: como as ilhas fogem dos continentes; como as tempestades fogem dos equinócios

Cosem vírgulas aos pontos e vírgulas. Cosem-nas na pele do vento... E vestem-se de ventania, afastando-se dos lugares da elegância e do pensamento. Todavia, engordam palpites, enobrecem opiniões que esboroam o vibrião da cólera no coração do Profeta.

\*

Ao meio-dia, empurram o povo o povoado para dentro das maternidades, para que a nação renasça, entre dois hinos & duas bandeiras.

Crescem & resistem entre duas moedas e duas fronteiras

A moeda do luxo e da luxúria  
A fronteira do lixo e da lixívia

À noite, pegam a luxúria pela alquimia e ficam "luz" no meio do lixo...vendendo sonhos aos écrans de todo o Mundo.

Desde ontem, emolduram o centro e a periferia das questões.

Trouxeram olhos de pão à sede dos instrumentos de pau e corda. E ficaram, à cabeça, cavaquinhos & bandolins que ferverham...

III

### Fábula

Aurélio!

Apraz-nos ouvir na boca dos vocábulos a fábula das pedras loucas: nascem & crescem como virgens, entre o falo e a vagem do labirinto da página

O fogo, o sopro de Sahel tece-lhes o sal a argila a carne das intempéries E o sol e a substância de milénios fecunda-lhes, em Agosto, a maternidade do desejo.

E quando na ilha morre um Prosador, os instrumentos de corda & percussão dão-lhes nervos de tanta dor & saltam... devagar... da nervura do texto para o plexo solar da vida

Umaz trazem no ventre as olimpíadas de todos os tempos; outras sobem ao podium da estiagem com a pedra verde do monte na montanha do ombro

Ouvimos: as ovações rasgavam na transparência artérias de basalto e veias de granito, como se toda a nesga de céu fosse, na emoção, um útero de sete pedras.

E na hora, vou e descubro na beleza litúrgica da minha filha! na paixão olímpica da minha avó! A genealogia das virgens loucas da minha ilha



IV

**Até se cumprir**

Gonçalves! Gosto de ir, letra a letra, avante. Torcer o tornozelo na geometria da tua prosa. Ir a cavalo do acento agudo, grave, esdrúxulo e ouvir no tecto da sílaba o bater do tambor celeste.

Eram precisamente 18h45 da tarde!

A avenida marginal escrevia nos pés de Nhô Roque a geografia de cada dia. De repente! Os sinos e os relógios interditaram o trânsito no arquipélago, sobretudo aos veículos de ganha-pão velocíssimos que apagavam no motor da memória os pulmões de Nhô Roque em combustão.

Num ápice

Nha Candinha Sena veio da sua derradeira morada

advertir as carpideiras que interrompam

no solo

no choro

a inércia... a morte...

a coreografia do acidente

até se cumprir no coração das personagens a profecia das noveletas inacabadas

até que as tartarugas no verde da desova encontrem, aquém & além do Tratado de

Tordesilhas, um novo destino para o cabo das suas tormentas

até que a morte não interrompa a vida

até que a Bárbara que n'Ó tem cativo liberte o Poeta que vai de âncoras & grilhetas menos pelo útero – trágico-marítimo-da-língua.

Até que se cumpra... até se cumprir

V

## Ano & dia

Do Liceu Velho as lições do mestre continuam: ano & dia. Lembro-me. O oceano da voz balouça vários mundos nas nossas cabeças; isto é, o verbo desloca nos nossos crânios um navio de longo curso. E nós: o arco-íris do casco, a proa dos mastros & bandeira dos tripulantes em viagem...

Na vertigem, toda a pausa abala o tecto do mundo...

Então, as mãos do mestre vêm e retiram âncoras de ausência da cabeça lavrada dos discípulos. E nos olhos da adolescência reacende o aroma crioulo da camoca.

De repente, Nhô Roque agarra os alunos pela distracção: liberta-os da roda do universo; devolve-lhes o arquipélago do testemunho e o dragoeiro das raízes em rodopio

enquanto

pedagogo emagrece de corpo & alma inserido na cana-de-açúcar do trapiche da turma.

VI

## A prostituta

Antes da despedida. Ela. A grávida de símbolos vários & bandeiras múltiplas queria ser na noite de vento a luz,  
a viola: a  
personagem

E cantou! não o deserto, entre o olhar e o oásis de cada manhã... mas o respirar do sino de todas as clausuras:

“E se as ilhas saltassem de nós mesmos  
Saltassem dos estômagos sem solo & subsolo  
Que devoram o ontem E o amanhã do arquipélago  
E recomeçando sempre...

Entrássemos para a manhã... Entrássemos para o mundo

Vazios do presente E vazios de presença  
Como

Se a nossa dor não tivesse passado  
E o nosso amor não tivesse futuro”

VII

### Anel de noivado

Oceano ao redor, se reconhecem os amantes das  
noveletas de  
Nhô Goy, pela ilhena semântica de dar portas & janelas  
às palavras  
proparoxítonas.

Vindas do deserto! alojam-se no leite & mel da pronúncia

Sugam pelo mar da língua todo o sal das ondas  
atlânticas,  
para que os corpos e os pulmões ganhem na nudez a  
luminosidade das praias que nos engravidam

\*

Enquanto isso, o optometrista, mestre nas artes de  
cabotagem, interrompe a leitura, fecha a noveleta no  
lugar da Baía, onde de gatas nasce a lua cheia.  
Atravessa  
a fauna marítima e mete anel de noivado na mão  
fantástica  
que Germano deu à ilha da Boa Vista.

### Canto Terceiro

Do deserto das pedras  
à deserção da pobreza

## Paisagem lunar

Do Monte verde ao Monte vermelho! ondula a legenda dos  
"terrenos de água nua"

não há esperança de chão que olvide  
a saliva do corpo + a semente da sedução

E sedentos de beleza, o arquipélago e os homens bebiam a  
loucura daquela paisagem enluarada! Enquanto, sôfregas,  
as mulheres e as ilhas escreviam, com os seios, cartas de  
amor à diáspora.

As mães só ficavam órfãs! quando as filhas se aproximavam  
das ruínas e chamavam... de fruta... às pedras maduras (?)  
naquele ano! Os Deuses esqueceram-se das tábuas e do  
tabernáculo  
e como "caçadores de herança" só falavam aos  
corvos e à sementeira... a benefício do inventário

Ó terrenos de sal & argila! As sementes que  
dobram a espinha até à boca do corpo  
só adiam a união e o facto, enquanto as pedras não  
ganhem  
a geometria dos engenhos E tragam no olho e  
na órbita de retorno  
o sangue da argila + a seiva dos gafanhotos

Naquele ano! As mornas chegavam à soleira de porta  
em porta  
sem letra & música, indagando pelos Trovadores da  
meia-noite  
E as violas saíam, quebrando-se entre cordas & melodia,  
à procura  
dos violões, soltos, naquele mundo à deriva.

Das costelas do arquipélago: a tosse projectava cenas  
pictóricas na nudez das hemoptises quase rupestres. E aos  
homens que chegavam perdidos naquela fonte de loucura,  
as mulheres devolviam-lhes

a têmpera de ser seco  
as vértebras de séculos + a  
alma de um tambor de raízes

enquanto  
os nervos teciam no sexo da terra a urdidura dos sonhos

Eram elas centenas de Bia, milhares de Maria e dezenas  
de milhoar  
de Bia & Maria. Dos vales, agarravam a desgraça da  
montanha  
e lavavam a miséria do monte nos dentes alvos da ribeira

enquanto erguiam entre o céu e a terra  
aquela  
solenidade de quem traz o sol e a lua para a constelação da  
alegria.  
Então! enxadas & braços aproximavam-se das raízes:  
arbustos &

árvores entregavam-se de cabeça, tronco e membros  
à potência da dor no  
coração dos tambores E, da rocha do ovo à fractura da  
casca, as veias  
lavravam no frémido da terra a mordedura dos frutos

## No ombro da minha mãe a pedra da multidão

I  
Ilhas em arco! arco-íris de pedra

Pedras que chegam E do ombro partem  
Pedras que alargam

A memória omnívora das fronteiras

E vão

assim viúvas assim noivas assim virgens.

A cavalo do vento...

Entre dois rostos! fogo e brava  
Não há pensamento Que não seja  
Esta multidão de pedra & vento  
Estas ilhas que correm  
pela cabeça calva de Deus  
À procura dos glóbulos  
brancos vermelhos  
Do arquipélago inacabado

\*

Multidão! Se teu pai trazia às costas  
O sol as salinas o deserto de Sahel  
A minha mãe era então  
Uma pirâmide longínqua

No saxofone de pedra  
Da minha avó  
E de barlavento a sotavento  
A ilhena doçura da Dona  
De netos & netas  
Ia dizendo à velhice da nossa infância  
Os continentes são pedaços  
de ti  
de mim  
de nós

Que as ilhas vão perdendo! algures  
Enquanto a vida fala aos vulcões  
Da erosão do elogio  
E as lavas de casca & gema  
Transformam as tabernas em tabernáculos

Ali vai! O desvario da violência  
Onde nascem  
violinos violas violões  
Sons  
que já foram deuses.  
E ainda habitam os pedregulhos do coração  
Além! É o sítio do sémen & sementeira  
Onde as pedras foram violadas  
pela maternidade de agosto  
pela raiz/colmo de setembro  
pelo outubro da nossa cesariana

II  
Mas! quando pelo tesão da secura  
O povo traz nos testículos  
Toda a primavera E todo o verão  
Da terra por semear  
E tudo nos falta  
Entre dois hinos E duas bandeiras  
a pedra é mesa & banco de urgência  
a pedra é fonte & sede de sapiência

Não! a palavra diria

Pedra! só serás poema & prosa  
Antes & depois  
Se no povoado! As ilhas e os ilhéus te propuserem  
À transgressão que nos devora

Entre  
o pão da parábola E a praça do parlamento  
E a oralidade! prólogo & pelourinho  
De 48 rostos pelas 12 casas do tabuleiro  
Grão a grão! não te pronunciar  
Que toda a pedra do poder  
É crime! se no povoado  
não abalroa  
o rosto da tradição

III

E na verdade! na verdade vos digo  
Se a ilha é menor  
    que a palma da mão do habitante  
Se o arquipélago é menor  
    que a planta do pé da multidão  
A boca alarga & engendra colinas  
    na terra primitiva  
A língua ergue & engorda planaltos  
    nas salinas de massapé  
E o espírito multiplica os oceanos do interior  
Ao encontro do ovo & ovação d'aldeia olímpica  
E dos corpos que cosem  
    os bocados dispersos  
Do continente redondo da alma cabo-verdiana...  
E súbito! deparámo-nos  
Com a fome pictórica da minha mãe  
Que leva os cornos d'África  
Até aos úberes  
    Das vacas loucas de Maastricht  
E de retorno! repõe  
    O universo de joelhos! face  
Às sábias dunas da Boa Vista  
Assim "olho & cenário! sonho & sonhador"

\*

Ó pedra de amor ó pedra de amigo  
Todos os dias! as mãos de Deus

Colocam

    um vulcão E um navio  
Entre os seios E as ancas  
    De cada mulher  
Todos os dias! braços de mar alto  
Colocam  
    uma rocha E um rochedo  
No ombro esquerdo/direito  
    De cada homem  
E grávidas! pejudas de pedra  
E belas! como penínsulas  
As ilhas lavram  
As ilhas abalam  
    a pobreza da colina  
    a miséria do monte  
    a desgraça da montanha

## Três telas para Tchalê Figueira

I

### *Crianças da rua 1*

Enquanto o pintor cicatriza  
o umbigo das três ribeiras  
E do poente vem um rebanho  
De cavaquinhos e bandolins em viagem  
Trazendo + lenha à savana  
Dos nossos corpos em chama  
A paisagem atirava pedras às crianças  
Como... se a natureza fosse  
A sua arma de arremesso  
E as crianças atiravam pedras à vida  
Como! Se o "lh" da ilha  
fosse a lesão  
Entre a moeda do corpo E o cifrão da alma

II

### *Crianças da rua 2*

Por vezes! o pintor é pai natal  
E salta! ilha & bronze  
Dos instrumentos de corda  
E de pé! as crianças devolvem-no ao pôr do Sol  
Para que os relógios resgatem  
tecto & mesa! alfa & beta

A maternidade sórdida da vida  
Que a gramática do silêncio explode  
E a nobreza da alma não redime

III

### *Crianças da rua 3*

Na hora! as crianças mobilizam-se  
Nascente & rumo  
Tão espingardas de sol & soldados de pedra  
E sobrevoam! mercados de peixe e verdura  
E libertam as portas! as pedras  
Do uniforme das palavras  
E das lesões & balas  
Que se alojam  
Nos acentos agudos graves esdrúxulos  
E escrevem poemas de amar  
no muro dos quartéis  
Com o osso/tambor da maresia  
E a bateria sinfónica do apocalipse  
MAS  
Se Tchalé se distrai  
Entre o jazz E a pintura  
As crianças escorrem  
pelo "p" da paisagem E pelo "p" da planície  
E vão  
pela estrada luminosa das salinas  
Oferecer aos rostos! de porta em porta  
o coração marítimo da estigagem



## Páscoa de pedra

I

Assim! nasço & vou  
Nos pés das pedras que nos perseguem  
o rosto a órbita o movimento  
Deambulavam! perto  
Os acrobatas da "Pedra Rolada"  
E o deserto bebia pelas dunas  
As ondas do crepúsculo  
E as ruínas da catedral

\*

Assim! nasceste & estás  
Nas mãos das pedras que nos projectam  
o corpo a decisão o desejo  
E se perguntámos? às pedras  
Uterinas & consanguíneas  
Da fortuna do mar...  
Na boca das pedras: a pedagogia do marulho  
Do marulho à dor! da erosão ao amor

II

Mas onde? onde encontrar  
No deserto da fala

A pedra sonora  
A língua de pedra  
Que salpica de verde  
A lucidez da nossa loucura...  
Mas onde? onde encontrar  
A pedra mãe! a pedra amante  
A primavera de pedra  
No verão que nos devora  
A montante da infância  
A jusante da velhice  
isto é  
A pedra da cicatriz  
A pedra da primeira memória  
A leveza  
que ergue no coração  
esta chuva de pedra  
A pedra que foge  
da mão do engenheiro  
E  
do pé do arquitecto  
E constrói  
no terraço da alma  
a ogiva  
De uma salva de palmas

## Pedra de identidade

I

### *TODAS AS NOITES...*

As pedras levitam nos nossos sonhos  
A balança do profeta! quando  
O sismo da esperança  
Atinge  
    4033 km<sup>2</sup> de terramoto  
E os ouvidos iluminam  
    nos corredores do medo  
    nos corredores da vida  
O trovão das nossas têmeoras  
E saltam ilhas  
    Para fora das ruínas  
Como ostras  
    Para dentro das pérolas  
E saltam rochas  
    Que se cruzam  
Com o arquipélago dos sentidos + a  
Felina coreografia das planícies  
Magras & mágicas! de ossos & símbolos  
E tão virgens! de ser movimento  
Como! a luz do útero  
    Que as desnuda

Se aqui! no ar  
    nos pés do arquipélago  
As ilhas param  
    Para ver as rochas passar  
Do deserto das pedras à deserção da pobreza

II

### *TODAS AS MANHÃS...*

“A ilha levanta a corola da saia”  
Para que o mar nos proteja  
Das pedras que levam & trazem  
    o arquipélago a reboque  
Entre a sístole e a diástole  
    do vale do amanhecer  
E como páginas! são  
    cabeças que se abrem  
Assim bibliotecas  
    De esquecidas memórias  
E com a música de milénios  
    gota a gota nos ouvidos  
As pedras olham-se grávidas  
Do deserto vermelho das palavras  
Há fogo nas pedras novas  
Há luz nas pedras remotas  
E amor & ódio  
    no cotovelo do abraço delas

Como! se não fosse lar  
o lugar do vento  
o lugar da ilha  
Onde! o desespero da paixão remoça

III

**TODAS AS TARDES...**

As pedras enobrecem as nossas raízes  
E tecem nos nossos pés  
o seu império de miragens  
Então! o deserto encontra nas dunas  
A palavra do senhor + a mão do vento  
Que nos baptiza  
Com o sol vermelho da eucaristia  
E se na oração! a morna é  
chão & mar de toda a ópera  
As dunas descem pela carne do entardecer  
com seios de maré alta  
com ancas de maré baixa  
E levam para o baile "tea off"  
o truculento pé de mazurca  
a lonjura erótica do landum  
o amor/desamor da contradança

Enquanto! as salinas advertem os transeuntes  
Sobre o mar! há pedras em romaria  
E com a força da maresia + a  
Contenda dos oceanos

Dia & diálogo nos ouvidos  
As pedras fermentam  
osso a osso  
O alvoroço da tabanca  
E das pedras nascem proas  
De falo & vagem  
Assim! mastros & âncoras  
de terra arável

Todos

Da mesma raça & povo de Ano Novo

Todas

Do mesmo povo & nação de Manuel d'Novas  
Falos de sangue & vagens de pedra  
Que levam & trazem

na coladeira da vida

E

no batuque da alma

O hino! como morna

E o funaná! como bandeira

E das trovas d'Eugénio

E das noveletas d'Aurélio

Pedras caíam

Pedras batiam na B. Léza da pátria

como! presentes natalícios

## Agora pedra agora

(Segundo Germano Almeida)

I

Ó solos do elogio ó noite & sol da erosão

Quando as sombras batem no ombro das pedras

Multiplicam braços & antebraços na multidão

Abrem baías & portos no poço da palavra

E junto da fonte! as sementes

são cicatrizes que dançam

Cada vez mais "p" & península

No crânio pedrento da parábola

\*

Quando os corvos trazem

olho a olho

A geografia do mundo

E as rochas crocitam pela cultura do milho

E as asas batem no espanto / espantinho de pedras

Ficam constelações longínquas!

cada vez mais perto de amar

II

Ó pilões de lonjura! na mão & memória da mó de pedra  
oceano & saliva

Que ondulam rochas na goela das falésias

Ó frigoríficos de cultura das terras do fim do mundo

Primos de finaçon E primas de Kolá San Jon

E netos & netas

Do labor

Da menopausa & andropausa

De vigor

Quando a flor mestiça! Invoca

a aurora e o crepúsculo

Das aves & hélices que trazem os aviões da diáspora

Afobados de substância! soluços & poços de ar

E transportam no voo! votos & votos

Que desaguam

Entre pedras & palmas

No arame sanguíneo das ribeiras

E aterram! devagar

Nos braços dos contadores de estórias

Netos & votos ficam

cada vez mais ilha

cada vez mais estória

fortuna do céu & ámen

III

Quando as mulheres arrastam o arquipélago para dentro  
da ilha

E trazem a ilha para dentro do templo  
Adicionam espaço & arte  
engenho & obra  
E ficam cada vez mais ópera  
no coração de cada  
hora

\*

Quando os homens-de-vento batem  
no pêndulo das pedras  
Ficam gota a gota  
cada vez mais água  
cada vez mais rio  
no sono da securá  
Assim! amor & ódio da nascente que nos une  
E da foz que vos multiplica

\*

Quando! antes do cantar do galo  
Pedras de bronze abalam o metrónomo da vida  
E modelam! modulam  
A luz! a fé que absolve & ama...  
Quando! as bandeiras sobrevoam o perfume dos sinos  
Entre o homem e a homilia  
Entre o príncipe e a catedral  
E enchem de tambor & navio o crânio das paróquias  
E incendeiam o colmo a cana a voz

Das planícies & achadas que nos chamam  
E raízes trepam – noite e dia – os degraus da crónica

Dedilhando seu cavaquinho de pedra  
E a multidão vai & bate na batuta  
Das orquestras que nos nomeiam...  
No povoado! a paróquia fica

cada vez mais povo  
cada vez mais pulso  
De amar a terra

IV

Ó gerações do meio-dia! do ontem & antemanhã!  
Quando perto da distância! as rochas  
Por amor & pulmão da história! respiram  
E os velhos vão & penetram a árvore das pedras  
E as velhas vão & levitam do arbusto das pedras

Velhos e velhas ficam

cada vez mais maduros de ser  
cada vez mais jovens de sonho  
cada vez mais adolescentes de sexo  
cada vez mais crianças & gémeos que somos  
cada vez mais feto que é  
E cada vez mais orgasmo & fogo de artifício

V

E do deserto das pedras à deserção da pobreza  
E da nascente que nos une à foz que nos multiplica  
Ontem! antes do sufrágio

As pedras iam levando as rochas  
De perto para junto de Deus

Hoje! após o sufrágio

As pedras batem

na cabeça generosa de Deus

E ficam

cada vez mais corpo

cada vez mais rosto

cada vez mais órbita

cada vez mais alma

Com experiências  
humanas

## Guarda-cabeça (I)

Entre o sol E a substância

Há símbolos! Que não concitam o sétimo selo

Quer para morrer! Quer para nascer

Mas

"Do nó de ser ao ónus de crescer"

"Do olho da arte ao oásis do artesão"

Há o "p" de pedra

Que sangra & sua o "p" de pulso no povoado

Tão-só para construir

pedra por pedra

pulso a pulso

palavra por palavra

Na ilha do ombro

O "p" da porta da pirâmide aberta...

Leva quatro anos! por entrar

E por dentro! viaja

Quarenta & tantos de gravidez

Tão-só! pela emoção

impulso & tumulto

De ser o "p" do parto que perdura

Entre umbigos secantes

Que ampliam

semanas & séculos

De percurso & percussão

E pelo deserto  
De sangue & saliva! soubemos  
    sabendo "par coeur"  
Que ninguém morre de manhã  
    Antes & depois do sétimo selo  
Com o "p" de pão & pátria

    Recém-nascida! nos braços

    \*

Então! uniram-se as mãos  
De todas as bandeiras...  
De todas as fronteiras + os dedos  
    Dos continentes que chegavam

## Gordá-cabeça (II)

*(Segundo o cavaquinho crioulo de Xisto Almeida)*

Enton note fora! na mei de verdade & mintira  
    Batuque & batucada  
Palapa era sô prosa E Nh'Anton Polina! sô poesia  
Mergulhode  
    Na milagre de vida! carvon de vida  
    E na vida dsurinode...  
Qmodê (?) q'mon de pobreza  
    Ta votá na bolse de miséria  
Qmodê (?) q'nô ta orientá use de nôs vote  
    Na plurim & mercode d'usura  
E longe de balonçe de kolá ma koladêra  
Gordá-cabeça ma dôr de cabeça  
Palapa era sô drama E Polina! sô comédia

    E na descontra...

Qond trovõ ma relompe  
Bibé ses grogue  
Pa guela de mar de canal  
Entõn! muscle ma suor! terra ma céu  
Era sô festa! na pagode daquele farra

E note malcriode! na madrugada pertode  
Qonde Sabe já era noive de Sabura

E Sabim era namorada de Sabe-de-munde  
E Morá-na-rua tinha cosa ma Morabeza  
Garrafa ma côpe! calça ma saia  
Dode de zuada! tava

Ta ba ta dzê

Ta ba ta dzê...

Tcha bitche bai... tcha bitche bai

Ta ba té Spanha

Ta ba té Merca de bicycleta...





*A Cabeça Calva de Deus – Uma trilogia  
épica fundacional  
Ana Mafalda Leite*

*A Cabeça Calva de Deus* intitula uma trilogia poética, iniciada com a publicação de *Pão & Fonema* (1974), seguida de *Árvore & Tambor* (1986) e agora concluída com o livro *Pedras de Sol & Substância* (2001). Aqui se lê um percurso que começa por anunciar a libertação do país, o festeja em som celebrativo e o dignifica na sua solaridade cultural. *A Cabeça Calva de Deus* é uma imagem que condensa o universo cabo-verdiano pela sua potência engendradora a partir das suas limitações geoclimáticas e telúricas. Abandonadas pelos deuses no meio do Atlântico, as dez ilhas cabo-verdianas, a caminho de África, Europa e América, com a nudez mineral da secura, incorporam nelas a força poética e rítmica com que a poesia fundacional de Corsino Fortes as canta em tom épico e sagrado.

O primeiro livro, *Pão & Fonema*, apresenta-nos um poema que se organiza com uma proposição inicial, seguida de três cantos, e o título apresenta, em síntese, a aliança de dois símbolos fundamentais que concretizam o ideário proposto pelo poeta, no seu desejo de reformular poeticamente o universo cabo-verdiano. Esses dois elementos englobam várias significações, desenvolvidas ao longo de todo o texto, e que dizem respeito aos principais aspectos característicos das ilhas de Cabo Verde.

Com efeito, o primeiro – *Pão* – é resultante da combinação positiva entre *chuva e milho*, componentes essenciais que oferecem a solução ao tradicional condicionalismo da seca e da fome nas ilhas, e que implicam, na sua ausência, a imigração. Esse elemento inicial regenerativo acresce-se do segundo – *fonema* – que pressupõe o acesso à voz, à palavra, à alfabetização, à cultura, ou noutras palavras ainda, à formação de um mundo cultural próprio e autónomo. *Fonema* é também reivindicação do próprio acto da escrita e da realização poética – *poiesis* – enquanto novo acto estético-cultural na tradição literária cabo-verdiana. Os dois símbolos em aliança (e o signo que os une – & – estabelece a associação) representam o alimento físico e espiritual, pão para o corpo, fonema para a mente, alimento que resgata o homem cabo-verdiano das suas desgraças seculares. Epopeia do pão e da palavra, o poema dá-se como oferenda regeneradora e investe-se do poder ritual de uma simbólica eucaristia.

A intervenção poética dos claridosos, inovadora na exposição dos temas cabo-verdianos como o evasionismo, o terralongismo, a seca, a fome, veio ser ampliada com as perspectivas temáticas e ideológicas da poesia cabo-verdiana no período que decorre de 62 a 74 – e evidencie-se, a título apenas de exemplos singulares, o papel de Ovídio Martins no tema antievacionista, o resgate dos elementos culturais africanos com António Nunes e Onésimo Silveira, a reivindicação política e da cultura tradicional com Gabriel Mariano, mas o discurso de ruptura e de renovação na poesia cabo-verdiana surge de facto com poesia escrita por Arménio Vieira, T. T. Thiofe e, fundamentalmente, com a publicação inaugural de *Pão &*

*Fonema* em 1974. O poema apresenta inovação estética no plano da forma da expressão e impõe novos paradigmas ideológico-temáticos no plano da forma do conteúdo.

A recriação do tema evasionista ocupa o segundo canto deste livro, *Mar & Matrimónio*, e a saída das ilhas é encarada não como fatalidade, mas antes como atitude de procura e de conhecimento, como crescimento interior. É um acto de iniciação, de que o poema *De pé nu sobre o pão de amanhã* sugere as intenções, como assinala Mesquitela Lima no prefácio da obra: “O cabo-verdiano ao sair da terra (para assumir a atitude dinâmica) vai nu, sem nada, e caminha para o pão do futuro”. A viagem e o exílio permitem ao ilhéu redimensionar-se enquanto comunidade e enquanto nação: “Que toda a partida é alfabeto que nasce / todo o regresso é nação que soletra”.

O primeiro canto anuncia essa mudança e amadurecimento. Aí se pressente a mudança feita de impaciência e de energia acumulada e força, que fecunda o peito do cabo-verdiano, prestes a manifestar-se como o vulcão da ilha do Fogo: “Tchon de povo tchon de pedra! C’ma fogo ma pedra na vulcon de Djar-Fogo”. Este movimento prospectivo e germinado no interior de si, em empatia com a sagesa mineral das ilhas remete para tal surda movimentação que agita o interior e o exterior, as ilhas e o ilhéu, em estreita correspondência.

*Pão & Património* o terceiro e último canto de *Pão & Fonema* refaz o círculo da topografia cabo-verdiana. Após a conjugação do movimento de sístole e de diástole, que projecta ao ritmo da insularidade as aspirações do coração do ilhéu, de novo a contracção, o regresso, ao ponto de partida. Este retorno, maisculado pela presentificação

de um advérbio – AGORA – “Agora povo agora pulso / agora pão agora poema”, representando o futuro atualizado da libertação colonial, provoca o achamento da “nova terra dentro da terra” e de um amanhecer de mundo que o poema *Konde palmanhã manche* (quando a manhã amanhecer) bem explicita. A volta marca o encontro “Não a terra das cicatrizes / Mas a terra que cicatriza”, que reclama o reconhecimento da cicatriz do ilhéu, simbólico Ulisses, pela sua amada/ilha. Espaço recolhido sobre si próprio, feminino, a ilha confere o fechamento necessário à nascença e à criação, em simultâneo, do novo cosmo e do poema que o celebra, nomeando-o: “Oh verso livre / oh semente / oh sangue de violas & viola / Não consintam / Que o tempo / Roube à minha fome/ O ovo do Sol que nasce/ e a tábua/ Do meu tabernáculo”.

Começa finalmente o ajustamento entre um espaço utópico, imaginário, desde sempre procurado e cantado na poesia cabo-verdiana, com a geografia do país e da nação. Com efeito, desde os seus inícios a literatura cabo-verdiana vinha marcando um percurso mítico, designado por Manuel Ferreira como “mito hesperitano ou a nostalgia do paraíso perdido” e que se encontra essencialmente nas obras de José Lopes, Eugénio Tavares ou Pedro Cardoso; esse mito gira em torno da concepção de uma origem lendária e mágica das ilhas (Hespérides, Atlântida) *in illo tempore*, evocando um espaço paradisíaco (os Jardins das Hespérides), a nostalgia de um paraíso perdido e de uma idade de ouro. Um outro mito posterior incorporado poeticamente pelos claridosos, por excelência evasionista, o mito de Pasárgada, dá continuação a essa procura de um espaço

ideal, expandindo o primeiro na procura de um espaço feliz, que o território das ilhas não consegue preencher, atualizar. Com *Pão & Fonema* convoca-se a inscrição do tempo/ espaço míticos no tempo/ espaço real, e essa outra terra de origem, de fuga, de evasão, volve ao centro das ilhas, fazendo coincidir, pela primeira vez, o espaço da frutificação e de bem-aventurança, o *locus-amoenus* com o *topos* da pátria, agora reencontrada pelo mito da fundação.

*Árvore & Tambor*, o segundo poema, editado em 1986, era promessa, “terra prometida” no primeiro livro de Corsino Fortes, *Pão & Fonema* (1974). No canto terceiro dessa publicação, o primeiro poema anunciava esse título do seguinte modo: “Que as colinas nascem/ na omoplata dos homens/ com um cântico na aorta/ árvore & tambor & sangue”.

Com efeito aquele poema trazia em gestação este segundo livro, com o qual estabelece uma continuidade óbvia. O imperativo histórico de reformular Cabo Verde em termos épicos e míticos mantém-se e desenvolve-se. O título *Árvore & Tambor* retoma então a proposta de *Pão & Fonema*, alargando-a. Do resquicial fonema que reclamava a liberdade de ser palavra e voz, advém o tambor, som pleno, que pela sua tradição africana impõe uma nova linguagem de identidade com África, de ritmo de festa e de solidariedade: “Os homens que nasceram da Estrela da manhã/ assim foram/ Árvore & Tambor pela alvorada/ plantar no lábio da tua porta/ África:/ mais uma espiga mais um livro mais uma roda”.

O poeta recupera intencionalmente, integrando-a, a sugestão africana do nome “tambor”, que sedimenta em si o eco de muitos outros poetas, entre eles,

significativamente, o do moçambicano José Craveirinha (“Quero ser tambor”). *Árvore* retoma por sua vez o “Pão”; trata-se de concretizar o acto pela acção: plantar, construir, renovar o corpo, o espírito, a palavra, a terra, a nação: “E o espírito é árvore”; “ó velho arbusto! Que foi colónia”; “Vem e ergue a tua árvore/ Aqui”.

*Árvore & Tambor* apresenta-se como engendrador de uma importante simbólica de formas redondas, onde a circularidade do universo que se constrói, ao tomar a sua dinâmica própria, ganha a forma esférica de um cosmo. No que respeita, por exemplo, à estrutura do poema, a *Proposição & Prólogo* iniciais, seguidos dos cinco cantos que compõem o texto (e a organização denuncia uma vez mais a vocação epicizante do autor) desenvolvem um *Prólogo & Proposição* finais que retomam o princípio. Imprime-se, assim, uma rotação de leitura e de propósitos, fechamento necessário ao crescimento interior do poema e do mundo que ele conquista concentricamente.

Mas o campo semântico dessas palavras/título não se esgota com a observação feita. Uma das características da poesia de Corsino Fortes é o uso de um mesmo nome em diversos contextos, nunca por repetição, mas por recorrência, que por sua vez leva à criação de uma ordem metafórica de equivalência. É por isso que ao longo de todo o poema se estabelece uma cumplicidade entre o grupo de palavras provenientes de “tambor”, como “esfera”, “roda”, “rosto”, “ovo”, “ventre”, “útero”, “umbigo”, ou entre aquelas suscitadas por “árvore”, tais como “raiz”, “hélice”, “arbusto”, “semente”, “seiva”, “sangue”. Esses núcleos semânticos, de que apenas se deu uma breve amostra, tendem a misturar-se, a entrelaçar-se em variadíssimas

combinações, provocando no texto o aparecimento constante de imagens novas, baseadas num condensado grupo de nomes de forte carga simbólica.

Semelhante engendramento umbilical, aglutinado em torno de um centro energético de som que é sentido (e repare-se que a aliteração, enquanto formação de sentido por som, é uma das características desse universo poético), manifesta no plano retórico o que no nível mais geral do conteúdo acontece pela preponderância do tema da génese. Tome-se, a título de exemplo, o poema *Ilha da Proposição & Prólogo*:

*Sol & semente: raiz & relâmpago*

*Tambor de som*

*que floresce*

*A cabeça calva de Deus*

Se não contarmos com os elementos conectores de frase, são dez os nomes empregues, desenhando formalmente o mapa poético das dez ilhas cabo-verdianas. Os primeiros elementos, evocados por aliteração, são por excelência genesíacos: “Sol & Semente”, e provocam os dois seguintes, continuadores do ciclo de gestação: “raiz & relâmpago”. Por sua vez estes despoletam a imagem do som, mas, no lugar do conseqüente trovão, surge o simbólico “tambor”, forma circular de ritmo, força fecundante, energia. O único verbo do poema, “floresce”, dinamiza todo o processo iniciado e transforma, reinventa, a secura e nudez das ilhas, enunciadas pela imagem aliterante de *A Cabeça Calva de Deus*. Está começada a acção recriadora do homem sobre a obra criada por Deus, mas que é Deus também.

E tomando o gesto divino do “gênesis”, o primeiro canto, *De manhã! Os tambores Amam A Chama Da Palavra Mão*, encena a criação das ilhas, o seu nascimento mítico num tempo, que se renova e principia. Desse modo, a frase “De Manhã!”, que se repete em litania ao longo do texto, quase à maneira de uma invocação mágica, imprime essa ideia de fundação, de saída do caos para a luz e para a nova ordem: “De Manhã! As ilhas/ da minha pátria nascem grávidas/ com o arco-íris/ na menina do olho”.

Nesse poema, o autor continua a desenvolver o tema da antievasão, iniciado em *Pão & Fonema*, mas agora o chamamento ao regresso à terra é formulado num apelo constante e contínuo. Trata-se de participar na reconstrução da nova pátria, o que exige de todos os filhos da ilha a repetição desse mesmo gesto mítico de gênese: “Vem! Simples & redondo/ pelo sol pela gema/ E pela dor do ovo que o povo fecundou/ As colinas aguardam pela mão/ o gomo da tua herança/ E pelo ventre de Bia/ A Cimboa/ dará/ terra/ terra nua/ terra virgem/ À árvore da tua parábola”.

Cumpra-se assim o ritual do nascimento, a partir de “uma hora zero”, que data a passagem da antiga colónia no novo país, e, eminentemente solar, esse primeiro canto projecta as cores que vão do amarelo ao arco-íris, alquimizando-se o universo; tudo se transmuta, a rugosidade natural das ilhas, os seus componentes de escassez e fome, como por exemplo a cabra ou o vulcão: “o vulcão é força/ a ilha é semente/ o mar é músculo/ a cabra é ouro”. A gestação, por seu turno, ganha tributos femininos, e o poema é percorrido por múltiplas referências desse tipo: “os sons uterinos da ilha que nasce”; “o sol desce/ velho & jovem/ E ajoelha-se à porta das maternidades”.

O poema estreia-se, pois, enquanto “acto de cultura”, retomando-se aqui o título de um dos poemas (título que recupera a frase de Amílcar Cabral: “Toda a revolução é um acto de cultura”), visto que imprime a mudança por renovação, e executa a função de ser “a expressão dinâmica de um caos inicial”, porque cosmifica a ilha, a linguagem, o amor e o homem: “Como o som cresce na fruta! Na árvore está o tambor/ E contra a erosão: a política de sedução”.

*Hoje Chovia A Chuva Que Não Chove*, poema do Canto II do livro propõe, após a gênese, a frutificação. Não pára de chover no poema, o alfabeto inteiro chove de “a” a “z”, para que chova também em Cabo Verde, terra onde a seca proveniente do Sahel é tradição natural e, conseqüentemente, tema poético na literatura do país. Esse simbólico “dilúvio” é bênção regeneradora (invertendo o sentido bíblico em que a acção diluviana se anuncia por castigo), e promessa de que as ilhas cumprirão a sua árvore: “O povo/ chove no povoado a sua chuva de séculos/ E a goela das ribeiras/ incha-se De aplausos/ Que a chuva/ é podium/ na maratona das nossas artérias”. Todo o Canto II é um delírio de jogos poéticos e de alegria retórica. A escassa chuva “Chove pulga & ponto: sangue & vírgula” ganha por hipérbole e por sinédoque a dimensão gigante de uma gota, que deixa ver através dela como que através de um microscópio, a miniaturização das ilhas, nessa redoma de água com que tanto sonham. O mundo é refeito na ordem inversa, e o volume da hipérbole associa-se à gravidez do mundo que nasce: “Mas no olho vítreo da gota/ uma cabra dança e outra coxeia/ Ambas arrastam Entre as patas/ Um eclipse de sol/ no rosto oblongo da gota/ As ilhas são cabras/

as ilhas/ com úberes na Via Láctea”. Nesse universo, os papéis trocam-se, são mutáveis, e os elementos equivalem-se: ilha por cabra, cabra por ilha; o real altera-se continuamente e a metamorfose leva à personificação, à animização do abstracto, à concretização do inanimado. Nesse mundo que está nascente, que é placenta e ventre materno, tudo pulsa e tende a ganhar uma dimensão múltipla e inesperada: “E de pé o arquipélago ganha vela/ porto & terra/ De hélices nas raízes”; “Por vezes o deserto chocalha nos ossos o seu esqueleto de gotas”; “E as ilhas soerguem-se/ pelo arquipélago das patas/ E vão/ De cratera em cratera/ erguer/ na boca das sementes/ A força contida dos vulcões”.

O Canto III, *O Pescador, O Peixe E A Sua Península*, faz a apresentação dos primeiros heróis anónimos que compõem o mundo criado, nele trabalham e habitam. Refeita a ilha, regenerada com o simbólico dilúvio, chega-se agora à caracterização do homem e seu labor. Também no mar “a terra é arável”, e a ignorada epopeia diária do pescador ganha palco e espanto. Terra e mar conjugam-se na preparação do terreno propício para o trabalho: “Além! No podium do mar largo! Os cetáceos são olhos que saltam saltos de solidão/ E se apaixonam/ Ao longo da costa/ Pelo ombro da ilha Que de longe balouça”. Sagrado e ritualizado, este ofício une a ilha ao seu meio ambiente natural, o mar, reúne-os fraternalmente, criando entre eles uma estreita dependência e respeito mútuos: “Quando a ilha é sacerdote/ E o mar é catedral /E o poente! Oração/ Que se ergue/ Entre o mar e o seu cardume/ O anzol aproxima-se do ofício/ Como o céu da boca/ Entre a hóstia e a comunhão”.

O segundo poema do Canto III, *Onde Mora A Viola Do Artesão*, encena o processo regenerativo da memória,

e da narração de acontecimentos históricos passados que preparam a presente cosmogonia. Retrospectiva necessária e pedagógica: “Ali! As narinas de meu pai/ sofreram o sopro/ E a forja redonda/ Do carvão da cruz & caos”; “Além! Sob o silêncio do tambor de Deus/ Dentes d’Europa/ vendiam o pão d’África à fome das Américas”. Semelhante relato leva o artesão, que forja o novo mundo a partir da mesma rocha “Quando as rochas/ dão têmpera & aço/ Ao corpo da alma”, a cumprir com a sua palavra-fogo todo o espaço e tempo vividos anteriormente, e a reinscrevê-los em poema. A mão poderosa desse descendente do ferreiro mítico engendra a nova arma, o novo escudo, a incandescente palavra “E da cicatriz da mão/ brotam raízes/ Que vicejam a memória dos séculos” que incorpora em si o mapa da História: escravidão, trabalho forçado, deportação, miséria etc.

O apelo ao regresso e à construção é a tónica predominante no último canto. Como já foi referido, mais atrás, o poema *Tempo De Ser Ovo Ovo De Ser Tempo* oferece-se como espaço habitável, que projecta no tempo inaugural a convocação ao retorno. A ilha é feminina, visto que produtora do novo cosmo, e, por isso, sedutoramente, provoca o regresso do amado – e leia-se nessa perspectiva o poema *Cantiga de Amigo*: “Já te sinto! Aqui/ Como um coração que bate à porta da sua morada/ Mas vem!/ pelos afluentes de ti/ pela nascente & nascentes/ Do teu corpo inteiro/ E inunda-me! Meu território”, o regresso do emigrante, imaginado Ulisses. Os primeiros poemas retratam, então, a figura de um homem e de uma mulher, representantes do par inicial que povoa e frutifica o mundo. *Mestiço & Mestiça*, texto seguinte, desenvolve essa relação em matrimónio e insemina a marca cultural específica do arquipélago.

A pátria que aguarda, impaciente, o regresso do filho pródigo recuperou a “fome de Ambrósio”. A referência ao conhecido poema de Gabriel Mariano, Capitão Ambrósio, reinscreve no novo *topos* “a bandeira negra da fome” e transforma-a em “pão sobre o forno”. Esse diálogo intertextual permite que o Capitão renasça para o futuro de abundância que a terra prometida fecunda. Também o poema *Lestada de Lés A Lés* se insere nessa proposta de releitura do testemunho poético de Ovídio Martins, que, ao escrever *Flagelados do Vento Leste*, retomou por seu turno o título e o tema de uma das obras fulcrais do romancista claridoso cabo-verdiano, Manuel Lopes. O actual poema afirma, negando, o anterior: “Mesmo sendo! Já não somos/ Os flagelados do vento leste/ .../ Que o digam/ os braços do povo no povoado/ E os tambores de pão/ de pedra & pólen”. É pois introduzida uma importante reformulação na linha temática da poética cabo-verdiana, não só pela insistência no antievasionismo, dando-se lugar à procura de Pasárgada no interior do arquipélago, como também pela consciência da capacidade de luta contra os fenómenos naturais e o crédito na possibilidade de transformação: “Aqui! Onde/ A seca é arma E a fome! desafio/ A ilha é vida E a secura! Vivência/ E alta/ negra! A estrela traga/ A bandeira branca/ Da nossa guerra/ Entre céu & terra”.

Na sequência dessa nova proposta, pode ler-se o tributo a António Nunes como homenagem necessária. Em *Bom-Dia! António Nunes*, Corsino Fortes convida-o e convoca-o a participar na alegria da mudança, agora efectuada. António Nunes simboliza também esse “amanhã” que se tornou hoje, em que a terra é do seu próprio povo: “É teu António! O umbigo do mundo/ onde/ a força do

teu suor deságua/ E da ilha!/ o cristal do tempo”. Uma referência se torna imperiosa ao belíssimo poema em crioulo, *Golpe D’Estode Na Paraise*. Mas se é o único texto do livro integralmente em crioulo, em muitos outros poemas se verifica a introdução de versos ou parte de versos nessa mesma língua. Mais uma vez se constata o bilinguismo poético do autor, que é inovador tanto numa língua como na outra.

O terceiro livro deste volume, *Pedras de Sol & Substância*, encerra a trilogia anunciada desde o primeiro poema e organiza-se, tal como os anteriores, em cantos, antecedido de um Oráculo, onde se lê a figuração da paisagem insular, no seu abandono em processo de autogestação: “Uma pedra no deserto + um dragoeiro/ Um anjo da guarda! No útero da paisagem/ Não! na ilha”.

O título convoca a força irradiante da pedra solar, em fogo – “o olho da cabra sobre o olho da terra/ Como é belo o fogo! Da flor da secura” – alquímica e transformadora, bem como de todas as cambiantes do mito de Sísifo, retrabalhados nesse vigor, paciente, mineral que iguala o homem à natureza da terra e o torna capaz de superar as limitações da sua herança telúrica. “Toda a palavra é útero de sete pedras/ E/ Toda a pedra é um poeta bissexto/ Leva quatro anos de pudor/ E quarenta e tantos de paixão/ Para inundar o deserto da estiagem/ com o dilúvio de chama que bebe/ Nas cratera do jazz & batuque da esperança”.

O poema executa uma arqueologia da origem primeva do arquipélago ao revelar os traços milenários da *Rotcha Scribida*, inscrições que ganham a força poética de uma tábua sagrada dos mandamentos da

lei, ou de uma herança em que a força da palavra se inscreve secularmente na pedra das enigmáticas rochas de S. Nicolau... O carácter sagrado, que nesses caracteres se desenha, convida o narrador do poema a dar continuação à escrita profética e sacral de uma mão e de uma cabeça engendradora, e regeneradoras do seu cosmo, configurado em todos os cantos de *A Cabeça Calva de Deus*: “Ô bíblia de murmúrio/ na tua semântica/ De sal! Sangue & paradoxo/ Ó universo de mil sons/ Que circulam/ Pela maternidade/ Do versículo que nos une/ Na tua chama/ Na tua lava/ No teu tambor inenarrável”.

O primeiro canto, *Sol & Substância*, inclui ainda o poema *A Cesariana Dos Três Continentes*, onde se descreve a origem geográfica, cultural do arquipélago, articulado nos seus dez “umbigos de pedra” por um cruzamento multicultural e, nessa prospecção das raízes, dedica ainda, entre os seus símbolos de resistência e de herança recebida, um poema ao dragoeiro, árvore que encontra nas ilhas o vínculo da *secura fértil*, da sobrevivência milenar, do destino da singularidade e identidade com o ilhéu: “Da rocha ao rosto que me deste/ Do rosto à raiz que te dou/ Florescem no teu tronco/ O crânio de Deus + o fogo do povo/ Que nos abraça! Como/ Se o arquipélago já não fosse/ A tua Ordem/ E as ilhas + ilhéus! A tua Regra”.

O poema *Na Morna! Na Mazurca O Trompete da Evasão* faz um percurso evocativo das várias heranças musicais que o país herdou, criou e reformulou, e são nomeados os diferentes ritmos de dança. Tais práticas tradicionais da música cabo-verdiana são poeticamente encenadas na coreografia dos versos, espalhados

pela página, articulados no seu ritmo coleante, móvel e quebrado: “A morna! O finaçon nos conduz/ ao frigorífico da cultura/ das terras do fim do mundo/ À guerra da pobreza/ No metrónomo do batuque/ E ao dente de ouro da tabanca/ No mênstruo das salinas/ À coladeira & funaná/ na erupção do funacol/ E ao rondó que renova o passo/ como quem baila o landum/ E ao kolá kolá/ da morança e da melancolia/ que salte & bate/ bate & une/ As coxas d’África às ancas da Macaronésia”.

Ao longo deste livro é-nos revelado o arco-íris cultural do arquipélago, através do cromatismo pictural das litografias de São Filipe, onde os pintores Luísa Queirós Figueira e Manuel Figueira perpassam nas imagens dos poemas sobre as festas tradicionais da cidade de São Filipe, na ilha do Fogo, bem como, mais adiante, o pintor Tchê Figueira num outro conjunto de poemas. As litografias, organizadas em sete dias, como os da Criação, celebram nos seus versículos o vigor das corridas de cavalos e as práticas festivas, como evocação dos diferentes aparatos que cada dia convoca até ao final do ciclo celebrativo: “À frente da bandeira/ Parlamentavam os cavalos/ E só depois os cavaleiros/ E os festeiros/ Abriam no coração da ilha/ “O vulcão da festa que se festeja”.

A figura literária, humana, e de pedagogo, do escritor António Aurélio Gonçalves merece um outro conjunto de poemas que, à maneira de uma elegia ou de uma ode, reconstitui a memória do percurso humano, intelectual e integra referências aos contos e novelas do distinto escritor cabo-verdiano – “Do Liceu Velho as lições do mestre continuam: ano & dia/ Lembro-me. O oceano da voz balouça vários mundos nas/ nossas



cabeças; isto é, o verbo desloca nos nossos/ crânios um navio de longo curso. E nós: o arco-íris do/ casco, a proa dos mastros & bandeira dos tripulantes em/ viagem". Outra figura que perpassa nesses poemas é a de Germano Almeida, não só pelo seu registo literário, mas também enquanto figura pública e política.

O historial político do país tem os seus veios insinuados em vários poemas, como é o caso do texto *Uma Espiga de Milho na Boca do Parlamento*, que evoca a importante personalidade de Abílio Duarte. Outros nomes de cantores, poetas e compositores de morna, como Eugénio Tavares, Manuel de Novas, Ana Procópio, B. Léza, fazem a sábia articulação entre a cultura tradicional e a literária, e invadem o poema com os ritmos de uma tradição crioula, onde o cruzamento das formas e a envolvência da poesia com a música se encasalou nesse género ímpar que é a morna. "O hino! como morna/ E o funaná! Como bandeira/ E das trovas d'Eugénio/ E das noveletas d'Aurélio/ Pedras caíam/ Pedras batiam na B. Léza da pátria". Nota-se que na poesia de Corsino fortes se encontram dois níveis de "apelo". Um consiste em "nomear", o outro em "invocar", e este último manifesta uma trajectória complementar de acção, perante o verbo. Ao mesmo tempo que o "cosmos" vai sendo "nomeado", construído, é também "invocado". As principais formas vocativas utilizadas nesse universo poético são a invocação e a exclamação. "E na verdade! Na verdade vos digo/ Se a ilha é menor/ que a palma da mão do habitante/ Se o arquipélago é menor/ que a planta do pé da multidão/ A boca alarga & engendra colinas/ na terra primitiva/ A língua ergue & engorda planaltos/ nas salinas de massapé/ E o espírito multiplica os oceanos do

interior/ Ao encontro do ovo & ovação d'aldeia olímpica/ E dos corpos que cosem/ os bocados dispersos/ Do continente redondo da alma".

A primeira, mais directa, é o modo privilegiado de apelo. No sentido clássico do termo é uma espécie de oração, tal como a compunham os poetas antigos quando imploravam a musa, e confere gradiloquência e epicidade ao texto. A exclamação contenta-se em suscitar, de modo mais indirecto, uma emoção. De qualquer modo, tanto num caso como no outro, a sua importância na poesia de *A Cabeça Calva de Deus* reside, por um lado, na marcação do ritmo e da pontuação no interior do texto e permite, por outro lado, enquanto homenagem à voz humana e à recitação, poder recebido como audição, com toda a força persuasiva e retórica que ela contém. Assim se tornam patentes e insinuantes nessa palavra poética a força e a capacidade de convicção.

A substância solar deste novo livro – *Pedras de Sol & substância* – traduz-se na insistência do símbolo da pedra, pedra da identidade, reconhecível na florescência e fulgurância das múltiplas criações culturais do país, no seu reconhecimento de origens afro-americanas e ocidentais, diversificadas, e crioulalemente sedimentadas.

*A Cabeça Calva de Deus* apresenta-se aos seus leitores/ouvintes como uma trilogia fundacional e épica da história do país, em que nos revela agora com o último livro, fundamentalmente, a vertente arqueológica e cultural, ao executar nos três cantos a substancialidade solar da criatividade cabo-verdiana, nas suas múltiplas vertentes, musical, pictórica, literária, política, que ductilizam a dureza mineral das ilhas no paciente requebro

nostálgico da morna, na ordem compassada do rondó, ou no ritmo agitado e harmónico da antiga mazurca ou do funaná.

Amanhecer sagrado de mundo, esta *Cabeça Calva de Deus* oferece-nos na sua força criadora uma trilogia em que, simultaneamente, Cabo Verde também de novo nasce, como terra, como país, como pátria, como identidade e como cultura, fora e dentro do poema.

## Dados sobre o Autor

Corsino António Fortes nasceu em 14 de fevereiro de 1933, em Mindelo, ilha de São Vicente, Cabo Verde. Licenciado em Direito (Lisboa, 1966), veio a exercer as funções de delegado do Ministério Público e juiz de direito, em Angola, até ser exonerado a seu pedido, em abril de 1975, do cargo de magistrado. Em 1974-1975, como militante activo do P.A.I.G.C. exerceu as funções de representante do Partido em Angola, de director-geral dos Assuntos Judiciários da República da Guiné-Bissau e de emissário especial da República de Cabo Verde junto dos Governos da República Popular de Angola e da República Democrática de São Tomé e Príncipe. Entre 1975 e 1981, foi embaixador extraordinário e plenipotenciário da República de Cabo Verde junto da República Portuguesa, desempenhando idênticas funções junto dos Governos de Espanha, França, Itália, Noruega e Islândia. Em 1981, foi nomeado secretário de Estado-adjunto do primeiro-ministro e, em 1983, secretário de Estado da Comunicação Social.

Em 1986, Corsino Fortes foi delegado plenipotenciário da República de Cabo Verde ao encontro de Unificação Ortográfica de Língua Portuguesa, realizado no Brasil.

Entre 1986 e 1989, regressa à diplomacia como embaixador de Cabo Verde junto da República Popular de Angola, exercendo idênticas funções junto dos

Governos de São Tomé e Príncipe, Zâmbia, Moçambique e Zimbábue.

Entre 1989 e 1991, exerce as funções de ministro da Justiça pelo Governo de Cabo Verde. Em 1992 como consultor diplomático identifica o I programa PALOP a favor dos cinco países de língua oficial portuguesa financiados pela União Europeia (1992) e integra a equipa plurinacional que identifica o II programa PALOP em 1998.

Hoje exerce as seguintes funções: Presidente da Fundação Amílcar Cabral; Presidente do Conselho de Administração da Impar - Companhia Cabo-Verdiana de Seguros; Vice-presidente do Conselho de Administração da Caixa Económica de Cabo Verde; e Sócio-fundador da Associação dos Escritores cabo-verdianos.

Foi condecorado pelo Governo Português com a Grã-Cruz da Ordem do Infante Dom Henrique e com a Grã-Cruz da Ordem de Mérito; pelo Governo Francês com o Grand officier de L'ordre nacional du Mérite; e pela Presidência da República de Cabo Verde com a Ordem do Vulcão.

O autor nunca quis publicar em volume os poemas escritos até meados da década de 60, salvo poesias dispersas no jornal do 3º ciclo liceal (1957), *Boletim de Cabo Verde*, no último volume da revista *Claridade* e na antologia da moderna poesia cabo-verdiana.

A obra poética que se resume na trilogia *Pão & Fonema, Árvore & Tambor e Pedras de Sol & Substâncias*, sob o título *A Cabeça Calva de Deus*, já foi objecto de vários estudos e faz parte de várias antologias em língua inglesa, portuguesa, francesa, italiana, holandesa etc.

## Dados sobre o Artista

Fernando Gonçalves Araujo (Portugal, 1957). Artista plástico. Vive no Brasil desde 1959. Pertence à forte tradição brasileira de arte expressionista. Apesar de estar vinculado à arte há muito tempo só recentemente aceitou ter na atividade uma vivência pública. E neste breve período teve uma participação significativa, com exposições individuais nos Museu Brasileiro da Escultura (2008), Centre Culturel Brésil-France, Galerie D'Art François Mansart (2008), Sorocaba Espaço Mosteiro de São Bento (2009) e Instituto Anima De Sophia (2010); além de mostras coletivas no Centro cultural Brasital, Memorial da América Latina, casa da Fazenda e Galeria Casa das Mudanças, Centro cultural da Calheta (Ilha da Madeira, Portugal). Essas exposições tiveram curadorias de Jacob Klintowitz, Paulo Amaral, Paula Garcia, Cristina Delanhesi, Oscar D'Ambrosio.